

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

LUANA FONSECA MONTEIRO

**AS CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL COMETIDO NA INFÂNCIA NA FASE  
ADULTA.**

VITÓRIA  
2015

LUANA FONSECA MONTEIRO

**AS CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL COMETIDO NA INFÂNCIA NA FASE  
ADULTA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduada em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Thaís Caus Wanderley.

VITÓRIA  
2015

LUANA FONSECA MONTEIRO

**AS CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL COMETIDO NA INFÂNCIA NA FASE  
ADULTA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduada em Psicologia.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, por:

---

Prof. Ms. Thaís Caus Wanderley - Orientador

---

Prof. Dra. Beatriz Baptista Tesche Rossow, Faculdade Católica Salesiana do  
Espírito Santo

---

Prof. Ms. Daniella Messa Melo e Cruz, Faculdade Católica do Espírito Santo

“Dedico este trabalho a todas as vítimas de abuso sexual infantil, para as vítimas, que hoje são adultos e de alguma forma superaram tal violência e para aquelas crianças que já foram ou são abusadas sexualmente, dedico a minha sensibilidade e o meu apoio á lutar pelos seus direitos e justiça quando esse tipo de violência ocorre em suas vidas. Suas histórias são tão tristes e revoltantes, mas vocês não estão sozinhos, tem a nós PSICÓLOGOS”.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por ter chegado até aqui e por eu nunca ter desistido, minha fé me motivou e assim Deus me fez vencedora. Nenhuma batalha é falha quando depositamos nossa confiança nas mãos de Deus, depois de tantas atribulações, a vitória é certa. Muito Obrigado senhor!

Agradeço a minha família pelo amor e dedicação: minha mãe pelo cuidado e atenção; aos meus irmãos pela ajuda e credibilidade e ressalto a participação do meu pai nesses anos de estudos, por tão grande esforço e motivação para me ajudar a chegar até o final. Em memória e eterna gratidão, minha avó Cotinha e tia-prima Terezinha que além da minha família também foram responsáveis pelo meu caráter e ligação com Deus. E assim, como diz a frase de um autor desconhecido: “Jamais estará morto, quem permanece vivo no coração de alguém”. Para sempre guardadas em meu coração com todo o meu amor.

Em primordial importância agradeço a minha orientadora Prof. Ms. Thaís Caus Wanderley por tanta paciência, compreensão, sensibilidade e amor pelo seu trabalho. Minha gratidão será eterna, agradeço por tudo que fez por mim, em vista das minhas dificuldades a Prof. Ms. Thais Caus Wanderley nunca deixou de me motivar, não poderia ter escolhido um orientador melhor. Muito Obrigada!

Agradeço ao meu namorado pela paciência e apoio, ao qual, lidou junto comigo com os meus momentos de medo, estresse, frustração e ansiedade; as minhas melhores amigas e minha prima materna pela ajuda, motivação e compreensão; as minhas amigas do grupo “Psicologando” e as outras que estão juntas comigo desde o início da faculdade e as amigadas novas lá formadas por tanta ajuda, apoio e dedicação a amizade que temos construído nesses anos faculdade; a todos os meus outros amigos pelo apoio, compreensão e credibilidade; e em agradecimento aos professores pelos ensinamentos, sensibilidade, preocupação, boa relação com os alunos em desenvolvimento acadêmico. Não foi fácil chegar à finalização do TCC, mais assim cheguei, ao final dele, mas ao início de uma longa caminhada, em busca da realização profissional e da prática de um sonho de anos, ser psicóloga.

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

(Charles Chaplin)

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar como e em quê a violência sexual vivida na infância vem a influenciar a vida adulta. Assim, objetivou-se conhecer os tipos de abuso e as reações da vítima diante dessa situação em frente do abuso que sofreu em sua infância; identificar as consequências nas relações sociais de pessoas vítimas de abuso sexual na infância e levantar relações afetivo-sexuais de pessoas abusadas sexualmente, quando crianças, na vida adulta. A proposta de pesquisa contou com cinco participantes, maiores de idade: quatro do sexo feminino e um do masculino, número este tido como suficiente para a proposta do presente estudo, até mesmo devido à complexidade do tema. Suas identidades foram preservadas e com isso nomes fictícios foram substituídos pelos seus nomes verdadeiros. Estas pessoas foram escolhidas por acessibilidade, desde que se encaixassem nos padrões da amostra. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com cada uma, as quais foram gravadas e transcritas na íntegra. Os dados foram tratados por meio de Análise de Conteúdo, a qual resultou em categorias temáticas, que foram: Abusadores, Tipos de Abusos, Reações das Vítimas, Consequências sociais e psíquicas, Consequências afetivas e Consequências na Sexualidade. Percebe-se que o abuso sexual na infância é devastador, ao ponto de trazer consequências desastrosas para a vida dos sujeitos nas diversas esferas, desde problemas na intimidade até dificuldades de convívio social e busca pelo fim da vida. Notou-se que o abuso sexual e suas consequências mexem com as habilidades sociais do sujeito, seu olhar sobre o mundo e as pessoas e muitas vezes o abusado não se reconhece mais como sujeito. Verifica-se, então, a importância de resgatar a auto-estima, a auto-confiança, a identidade dos sujeitos vítimas de abuso sexual e a informação para os familiares e as crianças, no sentido de promover atividades e programas que possam prevenir, mas também tratar estas situações de abuso – âmbito este em que a Psicologia pode colaborar bastante.

**Palavras-chave:** Abuso sexual infantil. Consequências. Fase adulta.

## ABSTRACT

This study aimed to identify how and to what sexual violence experienced in childhood come to influence adult life. Thus, it was aimed to know the types of abuse and the victim's reactions to this situation in front of the abuse he suffered in his childhood; identify the consequences in social relations of victims of childhood sexual abuse and raise emotional-sexual relationships of people sexually abused as children in adulthood. The research proposal included five participants, of age: four females and one male, a figure regarded as sufficient for the purpose of this study, even due to the complexity of the issue. Their identities were preserved and thus fictitious names were replaced by their real names. These individuals were chosen for accessibility, since it would fit on the sample standards. Semi-structured interviews were conducted with each, which were recorded and transcribed. Data were processed through content analysis, which resulted in thematic categories, which were: Abusers, types of abuse, Victims reactions, social and psychological consequences, emotional consequences and consequences on sexuality. It can be seen that childhood sexual abuse is devastating to the point of bringing disastrous consequences for the lives of individuals in various spheres, from the intimacy problems to difficulties in social interaction and search for the end of life. It was noted that sexual abuse and its consequences stir the social skills of the subject, his gaze on the world and people and often abused is not recognized as a subject more. There is, then, the importance of recovering self-esteem, self-confidence, the identity of the persons victims of sexual abuse and information for families and children, to promote activities and programs that can prevent, but also handle these situations of abuse - in this context that psychology can contribute enough.

**Keywords:** Child sexual abuse. Consequences. Adulthood.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Caracterização das amostras .....	53
Quadro 02 – Resultados apresentados por temas .....	60

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>27</b>
2.1 NOÇÃO DE INFÂNCIA.....	27
2.2 UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE ABUSO SEXUAL NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E NA ATUALIDADE.....	29
2.3 ABUSO SEXUAL, VIOLÊNCIA E SUA EXPRESSÃO.....	32
2.4 CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA.....	35
2.5 A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DAS VÍTIMAS DE ABUSO E AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL.....	38
2.6 PSICOTERAPIA E O ABUSO SEXUA INFANTIL E AS CONSEQUÊNCIAS NA VIDA AFETIVA, SOCIAL E SEXUAL NA FASE ADULTA.....	43
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>51</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	51
3.2 CAMPO DE ESTUDO.....	51
3.3 PARTICIPANTES.....	52
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	54
3.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	55
3.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE.....	56
3.7 ASPECTOS ÉTICOS.....	57
<b>4 RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>59</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>81</b>
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	81
APENDICE B – TERMO DE CONSTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	82

## 1 INTRODUÇÃO

Estudos da Psicologia apontam para a importância de se entender o homem como um ser social (LANE, 2001). Neste sentido, é relevante estudar os fenômenos sociais, tanto os que ajudam na construção e na potencialização do ser humano, quanto àquele que trazem transtornos e sofrimentos à humanidade. Dentre os fenômenos que geram sofrimento, um que se destaca é o da violência e, quando este se dá em relação a crianças, parece causar um horror ainda maior.

Segundo mostra pesquisa do Ministério da Saúde, em 2011 foram registradas 4.625 notificações de violência doméstica, sexual, física e outras agressões contra crianças menores de dez anos. A violência sexual contra crianças até os nove anos representa 35% das notificações, já a negligência e o abandono têm 36% dos registros (PORTAL BRASIL, 2012).

Tal informação mostra que a violência sexual está em segundo lugar no número de registro de violência contra crianças até dez anos de idade no Brasil. A mesma pesquisa revela também que a maior parte dos agressores são membros da família ou pessoas muito próximas, como amigos da família e vizinhos (PORTAL BRASIL, 2012).

Desta maneira, ao se falar de violência sexual é importante o aprofundamento no universo da sexualidade para se entender as implicações deste fenômeno. Ao se falar da sexualidade- um tema que de certa forma compõe a nossa identidade, Louro (2001) afirma que esta é um componente do ser humano, independente do sexo: feminino e masculino. A sexualidade é algo inato no sujeito, desenvolvida na individualidade de cada um, exposta em sua subjetividade. Louro (2001, p. 11), ainda afirma que “No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais”, o que não nos permite enxergar a sexualidade como um construto descontextualizado ou algo indiferente ao social.

Pensando sobre a violência sexual também como um construto social, percebe-se que o abuso sexual viola não só o corpo, mas a subjetividade, a intimidade da vítima, pois se caracteriza por atitudes de invasões, sem aprovações dos indivíduos, causando dor ao invés de prazer. Mediante a isso, busca-se, aqui, então, a compreensão do que é o abuso sexual.

Malta (2009, p.15) fala que o abuso sexual:

É o ato praticado pela pessoa que usa criança ou adolescente para satisfazer seu desejo sexual, ou seja, é qualquer jogo ou relação sexual, ou mesmo ação de natureza erótica, destinada a buscar o prazer sexual com crianças ou com adolescentes. Também pode ser qualquer forma de exploração sexual de crianças e adolescentes (incentivo à prostituição, escravidão sexual, turismo sexual, pornografia infantil).

Com efeito, o impacto que causa esta temática é o que veio a provocar o estudo de tal tema. Esta realidade se apresentou à pesquisadora quando ela realizou uma visita a uma cadeia do estado do Espírito Santo, na qual, os crimes cometidos eram os sexuais, tidos como hediondos que são crimes que resultaram em homicídios, estupro, torturas que não tem direito a fiança, tais informações foram constatadas pelas explicações dos psicólogos no âmbito prisional que a pesquisadora visitou.

Esta visita tornou-se uma experiência enriquecedora e motivadora para o presente estudo, mas destaca-se que é necessário se ter um equilíbrio psicológico para lidar com emissores de crimes que na maioria das vezes são cometidos contra mulheres e crianças.

Os presos encontram-se em uma ala de regime fechado. Segundo o Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984), no artigo 34 das penas privativas de liberdade, perante as regras do regime fechado:

Art. 34 - O condenado será submetido, no início do cumprimento da pena, a exame criminológico de classificação para individualização da execução.

1º - O condenado fica sujeito a trabalho no período diurno e a isolamento durante o repouso noturno.

2º - O trabalho será em comum dentro do estabelecimento, na conformidade das aptidões ou ocupações anteriores do condenado, desde que compatíveis com a execução da pena.

3º - O trabalho externo é admissível, no regime fechado, em serviços ou obras públicas (BRASIL, 1940).

Como dito na lei, eles tem direito de sair para trabalhar de dia e voltam para a prisão à noite (BRASIL, 1940), mas não optam por isso com medo de não voltarem ou de serem mortos, resultado comum a vários presos que fazem uso deste benefício, visto que essas pessoas que cometem crimes deste tipo sentem medo de represálias, da vingança dos familiares ou da própria vítima, o que é comum nestes casos.

Esta conclusão foi obtida com base na escuta destes detentos, a partir da realização de um grupo focal realizado por um psicólogo e alunas de psicologia, do qual a

pesquisadora participou. Percebeu-se nitidamente a discriminação dos outros presos para com os que cometeram crimes sexuais, o que mostra como este crime é repudiado.

Segundo o Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984), no artigo 33 das penas privativas de liberdade:

A pena de reclusão deve ser cumprida em regime fechado, semi-aberto ou aberto. A de detenção em regime semi-aberto ou aberto, salvo necessidade de transferência a regime fechado.

1º - Considera-se:

- a) regime fechado à execução da pena em estabelecimento de segurança máxima ou média;
- b) regime semi-aberto a execução da pena em colônia agrícola, industrial ou estabelecimento similar;
- c) regime aberto a execução da pena em casa de albergado ou estabelecimento adequado (BRASIL, 1940).

A referida visita foi realizada na Penitenciária Estadual de Vila Velha, no estado do Espírito Santo, no mês de março de 2015.

A partir dessa experiência, buscou-se entender o fenômeno do o abuso sexual infantil e quais consequências ele gera. A violência sexual que vitimiza crianças é quase sempre de natureza incestuosa. É a forma mais alarmante e perigosa, disseminada na relação adulto-criança (AZEVEDO; GUERRA; VAICIUNAS 2000). Conforme as nuances da literatura, aponta-se que a forma mais extrema e opressora do abuso sexual é o incesto (AZEVEDO; GUERRA; VAICIUNAS 2000).

O Incesto ocorre quando há relações sexuais Inter-parentais, ou melhor, explicando, na categoria de adulto ligado a criança por laços de parentesco, afinidade ou responsabilidade:

A literatura sobre incesto, especialmente antropológica, esclarece que a definição do adulto incestuoso vai depender do sistema de parentesco vigente: pai, mãe, irmão, tio, tia, são alguns dos protagonistas possíveis. Quando os laços são de afinidade ou de responsabilidade (moral, legal) vemos aparecer à figura do padrasto, padrinho, tutor, etc. (AZEVEDO; GUERRA; VAICIUNAS, 2000, p. 196).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) chama a atenção, já no artigo 4º, inserido na Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 para a responsabilidade de todos os setores da sociedade em defesa dos direitos da criança e do adolescente:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer,

à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Verifica-se que a partir do abuso sexual se dão consequências verificáveis a curto e em longo prazo. Em um curto prazo, verifica-se em muitos casos uma ruptura entre infância e adolescência (AZEVEDO; GUERRA; VAICIUNA, 2000); em longo prazo - que é o objetivo principal do presente trabalho, verificam-se o sentimento de culpa, sentimentos depressivos (tentativa de suicídio, tristeza profunda), auto-desvalorização (baixa auto-estima, depredação do próprio corpo) por parte das vítimas (AZEVEDO; 2000).

Azevedo, Guerra e Vaiciunas (2000, p. 197) dizem que:

A maioria das revisões críticas sobre a questão das consequências psicológicas do abuso/vitimização sexual doméstica de crianças e adolescentes tem se concentrado nas consequências de longo prazo e, portanto, tem se voltado para os sujeitos adultos.

Diante disso, voltando ao Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), o qual prioriza o bem estar dos mesmos e qualidade de vida deles, confirmando os direitos que as crianças e adolescentes possuem no artigo 5º inserido na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, o qual diz que:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei de qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (BRASIL, 1990).

Mediante a isso, quem deveria, por lei, garantir a proteção da criança e do adolescente acaba por tornar-se o seu carrasco. Certamente o adulto é a pessoa a qual deveria proporcionar a criança segurança e ser o mediador dos direitos dessa criança. Isso acaba não acontecendo, contrariando o que seria em vista bom para a criança e seu desenvolvimento. Ainda que haja punição para os abusadores, as sequelas de tal agressão permanecem nas vítimas (AZEVEDO; GUERRA; VAICIUNAS, 2000).

Além do abuso sexual ocorrido na infância ser algo extremo para tal fase da vida, ocorrem também as agressões físicas. Pesquisas constataram que 64,5% das agressões ocorrem no âmbito familiar, nas suas próprias casas; 22,2% como gestos agressivos: força física e o espancamento; acometendo mais o sexo masculino do que o feminino, atingindo 23% dos meninos e 21,6% das meninas. As agressões em sua maioria eram administradas por um adulto do sexo masculino, por muitas vezes

sendo pais, integrantes da família, e pessoas muito próximas das crianças e adolescentes (PORTAL BRASIL, 2014).

Como dito acima, nem sempre os abusos sexuais são de natureza incestuosa, em alguns casos são cometidos por conhecidos, amigos dos familiares, vizinhos, desconhecidos, etc. Na própria residência da criança ou na residência do abusador, em lugares fechados, na escola, na rua, entre outros (MALTA, 2009).

Malta (2009) fala sobre as formas que podem ser caracterizadas como abuso sexual, que são: as sem contato físico, pelo qual podem acontecer mediante a: cantada, falas eróticas, olhares, exibicionismo sexual, pornografia infantil; com contato físico: pelo toque, masturbação, ato sexual (dentre suas formas: oral, anal e vaginal); sem violência: seduzindo a vítima, presenteando, persuadindo; com emprego de violência: ameaças, empurrões, tapas, socos, mordidas, entre outros; e na forma de exploração sexual: que podemos dizer a criança se torna mercadoria, em troca desejos sexuais, de atos sexuais, de subordinação em forma de dinheiro e bens como objetos, passeios, alimentos (Malta, 2009).

Ao trazer esta literatura para o debate, analisam-se ainda, sob sua luz, casos concretos e reais de vítimas de abuso sexual infantil que hoje estão na fase adulta. O diálogo da teoria com a prática estará norteando esta pesquisa.

Por meio dos referenciais teóricos apresentados, iremos cruzar informações já sedimentadas na literatura com os dados levantados nesta pesquisa, e, tendo a consciência de que todo caso é único, mas de que as experiências passadas são de grande valor (AZEVEDO; GUERRA; VAICIUNAS, 2000).

O principal enfoque é pesquisar os efeitos deste tipo de violência na vida afetiva, social e sexual das vítimas na fase adulta. No caso específico deste estudo, há mais discussão sobre os abusos cometidos com as mulheres, visto que também o sexo feminino é a maioria dos participantes, sendo apenas um participante do sexo masculino. Porém essa determinação de sexo não influenciou os resultados da pesquisa, pois não acarretou em diferenças específicas na vida adulta que possam, a partir da pequena amostra deste estudo, fazer a correlação com as diferenças de gênero.

Apontam-se algumas dificuldades de adaptação sexual nas vítimas de abuso, que segundo Azevedo (2000, p. 203) são determinadas por consequências psicológicas,

que são: “Masturbação, medo de transar e problemas de relacionamento sexual com o marido”.

Desta forma, foram abordados diversos fatores ligados a esta violência sexual na vida das vítimas, e, no caso em específico, das vítimas que são objetos de estudo para essa pesquisa, para compreender as diversas nuances envolvidas neste tema tão profundo.

Para isto, a pesquisa pretende responder a seguinte pergunta: “Quais as consequências da violência sexual cometidas na infância para a vida do adulto, em nível afetivo, social e sexual?”.

Ressaltando a informação orientada pela literatura, a qual, fala que as violências sexuais cometidas com crianças em sua maioria são de natureza incestuosa (AZEVEDO; GUERRA; VAICIUNAS, 2000), o ato do incesto amedronta e retrai as vítimas, pelo fato de elas não se sentirem seguras mais em seu próprio lar, no qual o abusador pode estar sempre presente (AZEVEDO; GUERRA; VAICIUNAS, 2000).

Embora não haja números oficiais sobre os casos, estima-se que há muito mais casos do que efetivamente registrados. E como esta violência é grave, traz consequências psicológicas que se tornam profundas e de grande interesse por parte dos profissionais da psicologia, o que, compreendendo melhor seus danos ao indivíduo/vítima de tal violência, poderá auxiliar no tratamento dos traumas e, assim, colaborar para superar tal mal (REZENDE, 2013).

Segundo Habigzang, Ramos e Koller (2011, p. 468):

O abuso sexual é um problema de saúde pública, definido como todas as formas de atividades sexuais, nas quais, as crianças e adolescentes não têm condições maturacionais e psicobiológicas de enfrentamento, transgredindo assim, as normas sociais, morais e legais.

Assim, esta pesquisa se mostra relevante para ampliar os debates e o entendimento das consequências desta violência na vida das vítimas cometidas e ajudar a pensar e subsidiar políticas públicas para o suporte às vítimas, bem como programas de conscientização e combate do abuso infantil em toda a sociedade.

Tivemos como hipótese para esta pesquisa o fato de que o trauma causado pelo abuso sexual sofrido pelo indivíduo na infância é tão devastador que causa danos na vida psíquica do mesmo, resultando em consequências danosas à vítima, podendo

levar a transtornos, traumas, depressão ou mesmo suicídio, bem como dificuldades na vida afetiva, social e sexual.



## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Em primeira instância, para uma tentativa de uma ampla compreensão do fenômeno da violência sexual na infância, buscou-se entender melhor esta infância e as discussões que a psicologia traz sobre o abuso sexual e suas consequências. Nesse sentido, apresenta-se, aqui, o resultado dessa revisão de bibliográfica e, posteriormente, um debate promovido com esta literatura e os dados coletados.

### 2.1 NOÇÃO DE INFÂNCIA

A princípio, vamos entender como se deu a descoberta da infância, como ela era vista na antiguidade. A infância não tinha a definição do que se tem agora- no século XII, por exemplo, ela era desconhecida. Os pintores em suas artes deformavam os corpos das crianças, colocando características que fogem da visão atual, transmitiam corpos musculosos e adultos. A partir do século XIII que a visão do que era criança foi se construindo, alguns tipos de definições foram surgindo, diferenciando o que é criança de um adulto, como é visto na modernidade (ARIÉS, 2006).

Uma dessas definições em representações do significado de criança era o anjo, que era representado por um jovem rapaz, que tinha a idade mais ou menos das crianças que ajudam a celebrar as missas (coroinhas, como são chamados hoje em dia); o segundo tipo de criança seria Jesus e Maria menina, o qual, Jesus em pinturas era retratado como uma pessoa menor que um adulto, usando vestes simples, tapando todo o corpo (ARIÉS, 2006). E em outra pintura com Maria mãe, Jesus tem seu rosto junto com o dela, representando uma mãe e um filho, uma família, que logo influenciou a existência de famílias em pinturas e esculturas (ARIÉS, 2006). Estes estudos vão mostrando o início da concepção de infância e a crescente valorização da criança na família.

Mediante a diferença da antiguidade para a modernidade, o autor Pierre de Bérulle citado por Heywood (2004, p.21) diz que a criança: “É um constructo social que se transforma com o passar do tempo e, não menos importante, varia entre grupos sociais e étnicos dentro de qualquer sociedade”.

De acordo com as concepções de infância na Idade Média, as crianças também tinham outra concepção, ou melhor, não tinham uma definição convincente. Eram reconhecidas como adultas aproximadamente nas idades de cinco aos sete anos, as quais, não precisavam mais dos cuidados necessários para sua sobrevivência. A atenção às crianças ainda era menor, elas conseguiam se virar sozinhas já nesta faixa etária, para a opinião da época. Assim, se introduziam no meio dos adultos, como sujeitos que já estavam formados, trabalhavam, tinham um ofício, não eram distinguidas diante as idades, diante a um trabalho, uma escolaridade, uma visão de um ser que precisava de mais atenção e cuidados. Mediante a isso a escolaridade era interrompida, o trabalho era o mais prioritário (HEYWOOD, 2004).

A construção sócio-histórica da infância mostra que as crianças são resultado das vivências, expectativas, aprendizado, cultura, ambiente dos adultos. Desde novas elas desenvolvem suas habilidades motoras e sociais, a partir do aprendizado que os adultos as acometem (HEYWOOD, 2004).

Com isso a aprendizagem recebida dos adultos, guiam as crianças para um desenvolvimento. Elas passam por diferentes estágios desde a fase de recém-nascidas até o fim da infância. Bee e Boyd (2011) falam que a ciência do desenvolvimento se remete ao estudo das questões que são inseridas nas vivências, nas idades, na forma de agir, pensar e sentir e se relacionar, o desenvolvimento do sujeito nessas mudanças que transmitem essas questões.

Assim, de acordo com os mesmos autores acima, o desenvolvimento é dividido em estágios e sequências. Alguns deles são: maturação que é algo inato, é desenvolvida naturalmente em todos os seres humanos, são padrões genéticos (BEE; BOYD, 2011); o momento da experiência, que de acordo com Bee e Boyd (2011, p. 29):

[...] alguma experiência visual é necessária para o programa genético operar. O momento de experiências específicas também podem importar. O impacto de uma experiência visual em particular pode ser muito diferente se ela ocorrer no nascimento do que se ela ocorrer quando o bebê é mais velho.

Portanto, considerando a infância como uma fase de relevância na construção do sujeito em termos morais, éticos, sociais, sexuais, afetivos, cognitivos, é possível pensar que episódios de intenso sofrimento nesta fase podem trazer consequências

preocupantes nos diversos campos da vida adulta, inclusive na área afetiva, social, psíquica e sexual, foco deste trabalho. Neste sentido, Azevedo e Guerra (1995), afirmam que o abuso sexual é algo que na formação da criança, no seu processo psicossocial, moral, social e afetivo é preocupante, arrebatador.

Segundo Koenem e outros (2007, apud BEE; BOYD, 2011, p.134):

Algumas crianças são frequente ou gravemente abusadas desenvolvem transtorno de estresse pós-traumático (TEP). Esse transtorno envolve níveis extremos de ansiedade, memórias de flashback de episódios de abuso, pesadelos e outros distúrbios de sono. Para algumas, esses sintomas persistem até a fase adulta.

Assim, é evidenciado que o abuso sexual sofrido na infância pode acarretar tristes consequências, no desenvolvimento dessa fase e podendo durar até a fase adulta. Mas com isso deve-se averiguar o contexto que a criança vitimizada vive e como é o tratamento da mesma depois dos abusos sofridos. A qualidade do ambiente pode ser um fator crítico se não oferecer recursos e os devidos cuidados para essa violação (BEE; BOYD, 2011).

Mediante a isso, a pesquisa buscou em seu objetivo geral identificar como e em que a violência sexual vivida na infância vem a influenciar a vida adulta. Assim, objetivou-se conhecer os tipos de abuso e as reações da vítima diante dessa situação em frente do abuso que sofreu em sua infância; identificar as consequências nas relações sociais de pessoas vítimas de abuso sexual na infância e levantar relações afetivo-sexuais de pessoas abusadas sexualmente, quando crianças. Os resultados dessas investigações estão mais à frente no presente estudo.

## 2.2 UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE ABUSO SEXUAL NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E NA ATUALIDADE

Ao relatarmos a respeito do abuso sexual, temos que pôr em questão que esse fenômeno ocorre desde a antiguidade. Isto se constata desde as primeiras civilizações, como citados nos escritos de Hamurabi, dos antigos babilônicos e também nos escritos bíblicos e no Alcorão (COHEN, 1993 apud MATIAS, 2006).

O abuso sexual, nem sempre foi visto como um crime perverso, talvez pela falta de conhecimento de tal violência. Mas, como dito anteriormente o abuso sexual ocorre

desde a antiguidade e assim, questões ligadas a esse ato eram tratadas de formas diferentes, como por exemplo, no século XIX era algo comum, não tão exposto para a sociedade. Antigamente a afetividade familiar, nem sempre ocorriam, seguiam uma rígida estrutura familiar, não priorizando os sentimentos que envolvem o seio familiar, assim os casos de incestos eram mais constantes. Hoje em dia no que tange essa questão, o incesto é visto com outro olhar, no que remete sentimentos contraditórios, como: o desejo e o medo, é visto de maneira que causa alerta a sociedade, não é visto mais como tabu (MATIAS, 2006).

O abuso sexual incestuoso é um assunto que remete a vários casos presentes na mídia atualmente e com isso o espanto da sociedade (PORTAL BRASIL, 2012). Questões que envolvem as relações inter-parentais são convites para a reflexão. O que leva um pai a abusar sexualmente de uma filha ou uma mãe de um filho? O que leva um avô a tocar em uma neta e sentir desejo sexual? São questões difíceis de responder, mais que geralmente acontecem.

O incesto como falado antes é a relação entre os mesmos membros de uma família, o qual, não pode haver casamento perante as leis de Deus e da justiça (AZEVEDO; GUERRA, 1995). Com isso constata-se que:

O incesto pai-filha se inscreve na história do patriarcado, fundamentado na posse de terras, questões de herança e na opressão aos escravos, mulheres e crianças, enquanto propriedade privada do pai-senhor. Por isso mesmo, parece ser endêmico tanto nas sociedades de tradição judaico-cristã quanto nas de tradição islâmica, porque tanto numa quanto noutra a condição de opressão à mulher se assemelha (AZEVEDO; GUERRA, 1995, p. 61).

Dessa forma, averigua-se, mediante a literatura e a uma história do abuso sexual, a necessidade de uma devida atenção às crianças, às relações familiares, aos cuidados necessários para a preservação do corpo, uma atenção necessária dos pais com os filhos em todas as questões que as cercam (sociais, pessoais, familiares).

O combate do abuso sexual incestuoso contra a criança, no caso de pai contra filha, também fala de uma certa opressão sobre a imagem da mulher, no social, no cultural, na moral e na forma econômica (AZEVEDO; GUERRA, 1995). Esta significação da mulher como alguém frágil e desprotegido também pode ajudar a compreender o porquê de muitos abusos cometidos contra as mulheres em geral,

ressaltando-se aqui os casos das meninas ainda crianças (AZEVEDO; GUERRA, 1995), o que não significa que não ocorram com os meninos também.

Como dito acima, na maioria dos casos os abusadores são familiares, e ressalta-se que são até mesmo pessoas próximas. Dentro dos dados da atualidade, Malta (2009, p.16) afirma que:

Os abusadores, na maioria das vezes, são pessoas aparentemente normais e do círculo de confiança das crianças e adolescentes, como por exemplo, familiares, amigos, vizinhos, colegas ou mesmo os seus responsáveis. Mais podem ser também desconhecidos que abordam a vítima pessoalmente ou pela internet.

Antigamente, com uma tecnologia mais limitada e estudos menos aprofundados, os casos de abusos eram menos conhecidos e até mais duradouros, por não apresentarem provas pertinentes (MALTA, 2009). Atualmente, não é incomum se encontrar casos de abusos sexuais com crianças antes mesmo de acontecer à violação do corpo e dos direitos das mesmas (MALTA, 2009). Na atualidade, já é possível se encontrar facilmente reportagens veiculadas pela mídia sobre diferentes formas de abuso contra menores e, neste sentido, ressalta-se a importância do apoio e respeito com a na condução das investigações (MALTA, 2009).

Sobre os fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento infantil, considerando a rede de atendimento em situações de violência, foi verificada a importância da capacitação dos profissionais das áreas social, saúde e educação para a identificação e encaminhamentos adequados frente à violência contra crianças e adolescentes. A capacitação dos conselheiros tutelares também foi apontada como fundamental em relação aos fatores de risco e proteção e indicadores de abuso sexual, pois tais profissionais são os principais responsáveis por receber as notificações dos casos nos quais existe suspeita ou confirmação de violência contra criança ou adolescentes (MAIA e WILLIAMS 2005, citado por HABIGZANG, RAMOS e KOLLER, 2011, p. 469).

Mediante a isso, aponta-se a importância do apoio dos profissionais relacionados aos direitos e a saúde da criança. Por muitas vezes o círculo de confiança delas foi interrompido pelo abusador, que, como dito anteriormente, pode ser uma pessoa bem próxima. Percebe-se, então, como é essencial o manejo das demandas que surgem na vítima devido ao abuso sofrido - vítima no momento da denúncia tende a estar muito sensível e com medo, o que requer tato e respeito por parte dos profissionais envolvidos no processo de averiguação da denúncia.

Sobre os que comentem o abuso, Malta (2009, p.16) diz que:

Alguns abusadores se fazem passar por crianças e adolescentes, criam com a vítima um laço de amizade, por meio do qual tentam marcar um encontro. Também há abusadores que pedem que a vítima tire suas roupas

e exponha o seu corpo diante de uma câmera de vídeo (webcam) e depois passam essas imagens pela rede, fazem ameaças e chantagens contra as vítimas.

Assim, nota-se que o abuso sexual contra crianças não se resume ao contato físico direto, mas as novas tecnologias têm viabilizado novas formas de abuso sexual, como os via internet, nos quais a criança é convencida ou coagida a praticar atos sensuais ou sexuais para promover prazer no adulto que a explora naquele momento.

Para a sua proteção, a criança conta com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), Conselho Tutelar, Ministério Público e com Delegacias especializadas. Esses órgãos priorizam o bem estar, saúde, relação familiar, atenção aos direitos das crianças (AMAZARRAY & KOLLER, 1998 citado por HABIGZANG, RAMOS E KOLLER 2011).

Assim Amazarray e Koller (1998) citado por Habigzang, Ramos e Koller (2011, p. 469) ressaltam a importância destes órgãos. Essa ajuda é essencial, “[...] Pois contribui para combater a violência no caso individual da criança vítima e auxilia a compreender tal fenômeno, considerando os índices epidemiológicos que se tornam mais fidedignos”.

### 2.3 ABUSO SEXUAL, VIOLÊNCIA E SUA EXPRESSÃO

Ao falarmos de abuso sexual e violência, não se pode deixar de considerar o contexto social que produz ou subsidia estas práticas violentas. Por isso, é relevante destacar os altos índices de fatores de desigualdades que existem no Brasil, desde econômicas até sociais, o alto consumo de drogas ilícitas, entre outros, os quais se confirmam socialmente como fatores disparadores de comportamentos violentos (ARAUJO, 2002).

Desta forma, ao destacarmos essa questão da violência, evidentemente devemos abordar a questão da “cidadania”. Segundo Bicudo (1994, p. 5):

“A cidadania é o conjunto de direitos e deveres da pessoa, não é uma concessão do estado, mas uma conquista do povo. Os direitos nascem com o homem, que busca no que poderíamos dominar de “flecha da evolução”, o reconhecimento desses direitos pelo poder do estado e, assim, os concretiza”.

Mediante a isso, de acordo com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990), o Artigo 70 inserido na Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 diz que: “É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente (BRASIL, 1990)”. Assim, é dever dos cidadãos e - de forma ainda mais assertiva - do Estado a proteção da criança e não a prática de atos abusivos para com ela.

Segundo Bicudo (1994, p. 10):

“Não vamos negar que a violência exista e que sua escalada seja preocupante. A violência tem sido uma constante no cotidiano da humanidade. Mas, no caso brasileiro, ela consiste em um dos produtos (ou subprodutos) de um sistema político econômico injusto, que contamina todas as atividades do homem”.

O Brasil é um dos países onde os índices de violência intrafamiliares são altíssimos, sendo muito comum em jovens do sexo feminino, tendo uma relação com a violência doméstica no nosso dia-a-dia (ARAUJO, 2002).

O ECA em seu artigo 71 inserido na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, no assunto sobre a prevenção, a criança e adolescente, como por exemplo:

“A criança e o adolescente têm direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento (BRASIL, 1990)”.

Segundo Rezende (2013, p. 78):

Atualmente, o Brasil apresenta uma realidade crítica sobre problemas sociais como a alimentação, saúde, habitação e a desigualdade social. Tais problemas agravam a situação de muitas pessoas até mesmo na interação com outras e muitas das vezes acabam gerando situações piores em se tratando de crianças, transformando a situação em problemas como o trabalho infantil, a agressividade, a mortalidade infantil e também o abuso sexual.

Em relação ao abuso sexual, Watson (1994, p. 12) cita que:

[...] O abuso sexual deixa a maioria das pessoas incomodadas. É triste pensar que adultos causem dor física e psicológica nas crianças para satisfazer seus próprios desejos, especialmente quando esses adultos são amigos ou confiáveis membros da família [...].

Quando a família age de forma negativa em frente à denúncia do abuso que a criança sofreu, além das inúmeras consequências que esta criança pode trazer consigo do âmbito familiar, pode transcender para a vida social. Pontuando também a ação e postura dos profissionais da área terapêutica, como também da área legal, que administram o atendimento a essas vítimas, fala-se da necessidade de preparo

e de ter habilidades para ajudar a vítima a diminuir os danos psicológicos que resultaram do abuso e em alguns casos, da falta de apoio familiar em frente a isso (AMAZARRAY; KOLLER, 1998). O sentimento de culpa e fragilização de si requer ajuda por parte dos que fazem parte do contexto das vítimas, a família deve se responsabilizar por tal ato e serem cúmplice da vítima e não do abusador, defendendo a criança e investigando a proveniente denúncia da criança, devem-se levar em conta vários comportamentos que a criança emite (AMAZARRAY; KOLLER, 1998).

Lima (2012, p. 5) diz que:

A violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil teve sua expressão política na década de 1990 quando este fenômeno, ocorrido em todas as classes sociais, nas relações de gênero, e diferentes etnia, foi incluído na agenda da sociedade civil como uma questão relacionada à luta nacional e internacional pelos direitos humanos de crianças e de adolescentes, preconizados na Constituição Federal/1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069/90 e na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança/1989.

No mesmo contexto do argumento de Watson, Koller e Amazarray (1998) citam com base em Kaplan e Sadock (1990) que os maus tratos propagados com crianças são considerados uma doença médico-social, pois remetem a criança, em alguns casos, a uma violência física, psicológica, social, sendo assim considerados por esses autores no contexto do abuso, uma doença. As questões que remetem aos maus tratados e violações dos direitos reservados as crianças, explicando a nomeação da doença médico-social, embasam a: suspensão, ou melhor, dizendo carência de direitos e deveres relacionados à alimentação, vestuário, moradia e amor paterno; pelos quais são de direito para a sobrevivência de uma criança que necessita de cuidados.

De acordo com Lippi (1990), o abuso sexual infantil se enquadra em um crime comum que, pelo Código Penal Brasileiro, está no artigo 213: como crime de estupro de e no artigo 217: como crime de sedução. Quando o crime envolve a imagem paterna, ele é maior que a de homicídio.

Por isso nas cadeias, os crimes sexuais, como o abuso sexual infantil e estupro são considerados os piores crimes existentes, são os crime que deveriam ter pena de morte, ainda mais os que foram cometidos pelos próprios pais contra os próprios filhos (abusos de natureza incestuosa) (PORTAL ORGANIZAÇÕES RÔMULO MAIORANA, 2012).

Os outros presos excluem, retalham e humilham esses condenados. Com isso, é essencial efetuar a separação dos presos por outros crimes e dos crimes sexuais. Nomeiam os emissores desses crimes como Jack, que significa “Jack Estripador”, um assassino de Londres no ano de 1888, que causou muita repercussão por seus crimes horripilantes, relacionados aos crimes sexuais (PORTAL ORGANIZAÇÕES RÔMULO MAIORANA, 2012).

Desta forma, ressalta-se que a exclusão e indignação dos presos por outros crimes para com os presos por crimes sexuais é ainda mais constante e revoltante, quando os abusos, estupros e homicídios são cometidos com mulheres e crianças. Dados que remetem a realidade atual. (PORTAL ORGANIZAÇÕES RÔMULO MAIORANA, 2012).

#### 2.4 CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

A violência manifestada durante o desenvolvimento das crianças pode trazer fatores negativos para um desenvolvimento saudável. A menarca, por exemplo, ocorre depois de mais ou menos dois anos de mudanças no corpo da menina, como o aparecimento das mamas, pelos pubianos e, assim, ocorre à menstruação, quando o corpo se desenvolve para uma possível gravidez, é a etapa que uma menina passa a se tornar mulher (BEE; BOYD, 2011). Sobre este tema, fala-se em tendência secular, que segundo Bee e Boyd (2011, p. 125) é “um padrão de alteração em alguma característica através de diversas coortes, tais como mudanças sistemáticas no tempo médio da menarca ou na altura ou peso médio”. Um dos fatores que pode disparar estas alterações, inclusive física, é a exposição da criança a atos sexuais, como é o caso do abuso sexual.

A puberdade é o momento das alterações púberes, é um marco na fase da infância para a adolescência, ocorre por volta dos oito aos treze anos, mais provável entre os doze e quatorze anos. Ocorre com mais frequência na fase da adolescência (BEE; BOYD, 2011). Informações que embasam as fases onde ocorreram os abusos com alguns dos participantes.

De acordo com Lima (2012, p. 2):

A violência sexual é considerada, pela Organização Mundial de Saúde, um problema global tanto no senso geográfico, por estar presente em todos os

países do mundo e níveis da sociedade, como por atingir pessoas de ambos os sexos e de todas as idades. Pode ser conceituada de forma diferente e variar de acordo com a abordagem médica, social, país e regiões de um mesmo país. É definida como qualquer ato ou jogo sexual ou tentativa de obter um ato sexual, por meio do uso de força ou de coerção, ameaça de danos por qualquer pessoa, independente do grau de relação com a vítima no qual a violência ocorre.

A violência sexual em si, como averiguada nas pesquisas e na atualidade é algo que remete o ser humano a um estado de opressão, repúdio e nojo. Quando esta violência ocorre na infância, com a criança tendo ou não consciência do que aconteceu e comunicando ou não aos adultos, as consequências podem ser bem profundas e necessitam ser tratadas (AZEVEDO; GUERRA, 1995).

Lima (2012) fala sobre essas consequências que abalam e agredem as áreas físicas, comportamentais, emocionais, sexuais e sociais. Podendo ser de curto ou longo prazo.

Lima (2012, p. 13) diz que:

Estudos realizados apontam em grandes evidências de que o abuso sexual praticado em crianças e adolescentes provoca nesses sujeitos, dores e traumas irreversíveis. Esses traumas desencadeiam uma profunda violação dos limites físicos e psicológicos, gerando consequências gravemente negativas para a vítima ao longo de seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, comportamental e social, e principalmente para os seus relacionamentos interpessoais futuros. Percebe-se que com a vivência do abuso, o indivíduo perde a espontaneidade e naturalidade de sua sexualidade e em muitos casos até o sentido da vida.

Primeiramente é de grande importância para a diminuição das consequências do abuso o apoio dos familiares, a atenção ao relato do abusado, à investigação. Quanto maior a resiliência despertada na criança, as consequências criadas pelo abuso podem ser na resiliência que a criança cria capacidade de resolver situações desagradáveis e na superação de obstáculos (SANTOS e DELL AGLIO, 2009 citado por MEDEIROS, 2013).

Pesquisas constaram que há diversos fatores que envolvem uma criança no abuso sexual, agravantes como alcoolismo e drogas, pioram os abusos (MEDEIROS, 2013).

Já os autores Azevedo e Guerra (1995), sintetizam a atenção à nomenclatura “Indicadores Comportamentais”, que estão divididos em sexuais, gerais, comportamento passível de ser observado na escola e comportamento de crianças mais velhas.

Não é definido que a criança está sofrendo um abuso quando só um ou dois fatores estão ocorrendo juntos e, sim, quando vários são observáveis e não são comuns para a idade daquela criança. Estes são indicadores que podem remeter a problemas psicológicos ou a problemas que interferem no crescimento saudável da criança, na sua cognição e estrutura física (AZEVEDO; GUERRA, 1995). Eles ocorrem durante ou após o abuso cometido com as vítimas.

Quanto aos indicadores sexuais, de acordo com Azevedo e Guerra (1995), uma criança vítima de abuso sexual tende a demonstrar alguns comportamentos específicos, entre eles: comportamento fora do normal para a faixa etária, como por exemplo, mais maturidade que o normal para a idade da criança; atitudes em que representam um adulto; comportamento demasiado com as questões sexuais, sabendo detalhes precoces sobre sexualidade adulta e com isso a criança passa este conteúdo para o seu grupo de amigos; brincadeiras provocativas, eróticas; comportamento com condução precoce na sexualidade, o qual traz isolamento diante aos seus colegas e atrai sexualmente os adultos; demonstram preocupação em meios contraceptivos e pedem informações sobre isso, sendo que criança na maioria das vezes não tem conhecimento sobre esse assunto ainda. Todos estes comportamentos podem ser um alerta, um pedido de ajuda, que às vezes passam despercebidos (AZEVEDO; GUERRA, 1995).

Existem também os indicadores comportamentais gerais, segundo Azevedo e Guerra (1995), os quais são fatores de perturbações emocionais, que podem indicar mais que um abuso sexual: desconfiança nos familiares e pessoas mais velhas; medo exagerado por homens; insônia; pesadelos noturnos; medo, com conteúdo sexual; demonstrações afetuosas inadequadas entre os familiares, como entre pai e filha ou mãe e filho; entram no mundo da fantasia, a criança cria seu mundo, se isola socialmente; a imagem materna é distorcida pela criança, ela tenta assumir seu papel de mãe do lar, com a presença da mãe ou não; comportamentos distintos, o que não ocorria antes, tomando como exemplo a enurese (falta de controle da urina durante o sono); parecem crianças bipolares por causa da mudança de humor; transtornos alimentares; hiperatividade; desobediência, busca chamar atenção; problemas na concentração (AZEVEDO; GUERRA, 1995).

Há também os comportamentos que podem ser observados na escola, que envolvem efeitos negativos na socialização entre a criança e o grupo; falhas na

concentração e na atenção; para crianças abusadas sexualmente ou violentadas, escola é um refúgio, elas chegam cedo e saem tarde, fazem de tudo para não ficar em casa; demonstram negação diante de exames médicos e psicológicos no ambiente escolar, tem vergonha de se despir se caso precisarem trocar de roupa para atividades físicas e fogem das aulas (AZEVEDO; GUERRA, 1995).

E, por último, são levantados os sinais presentes no comportamento de crianças mais velhas, que são: não sociáveis, delinquentes, sexualidade desenfreada, não gostam de ficar em suas casas, se auto mutilam ou tentam se matar, cometem algum tipo de abuso, entram no mundo das drogas, alcoolismo, histeria (AZEVEDO; GUERRA, 1995).

Com isso, para se detectar que a criança está sofrendo abuso sexual, devem ser observadas diversas características e comportamentos, pois nem sempre a criança demonstra verbalmente o que está ocorrendo. Os indícios mais abrangentes estão relacionados nas mudanças físicas, baixo rendimento escolar, baixa auto-estima, mudanças de comportamento, a criança agitada em alguns casos se torna retraída, ou quieta se torna menos ainda sociável, a criança se sente culpada, tem muita vergonha, medo, entre outros (LIPPI, 1990).

## 2.5 A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DAS VÍTIMAS DE ABUSO E AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL

A psicologia juntamente com outras profissões tem um papel essencial no contexto de tratamento do abuso sexual, mais que também mexe muito com as resistências interiores, ou melhor, falando, a sensibilidade, a postura diante a uma história de abuso sexual infantil, o qual é um dos crimes que mais mexem com a estrutura psicológica da vítima, mais também de quem lhe oferece apoio (AZEVEDO, 1995).

O psicólogo tem o objetivo de detectar os sinais do possível abuso, mais nem sempre isso ocorre. Às vezes é invisível aos olhos, muitas vezes não se fala não se demonstra de alguma forma, assim dificulta ainda mais o trabalho do psicólogo na clínica (JACOB, 2009).

A Psicologia tem ajudado nas intervenções junto às crianças vítimas de abuso sexual. É comum elas terem dificuldade de entender e de comunicar o que lhes

ocorreu. Por isso, uma primeira forma de contribuição da Psicologia neste sentido pode se dá na própria escuta diferenciada que esta ciência apresenta, aplicando-a a criança vitimizada (JACOB, 2009).

Em meio à violência sofrida na infância - época em que as grandes responsabilidades ainda não aparecem e o brincar é o mais importante, uma das importantes estratégias de escuta diferenciada para com estas crianças, por exemplo, é desenho. Ele se mostra como uma das formas de demonstração e expressão da criança vítima de abuso. A psicologia tem um grande papel no tratamento, no acompanhamento da criança abusada sexualmente em vias de se alcançar a superação ou amenizar os traumas resultantes do abuso (JACOB, 2009).

Há também outras formas de desenho livre, as quais vêm sendo uma importante ferramenta de investigação e de tratamento nos casos de abusos contra crianças. Elas tendem a expressar a violência sofrida no papel e, assim, explicam cada ação desenhada para o psicólogo ou psiquiatra, indicando a situação e as pessoas que viram ou participaram do abuso (como irmãos pequenos que presenciam pais e padrastos como abusadores, a imagem da mãe no ato sexual com o pai ou padrasto, entre outros) (JACOB, 2009).

Existem também outras formas de intervenção da Psicologia junto a estas crianças, como o próprio ato de brincar. Por meio da brincadeira, a criança tende a comunicar sua realidade e estar atento para ler o que a criança transmite é fundamental (AVELLAR, 2004). É exatamente este um dos principais papéis do psicólogo no acompanhamento de crianças vítimas de abuso sexual.

Relacionado a isso, Azevedo e Guerra (1995), destaca a falha de muitos psicólogos ao tomar as queixas do abuso muitas vezes como algo exposto somente no processo terapêutico, mantendo só a relação de terapeuta e cliente, mostrando neutro e até apático, diante dos fatos, o que nos faz refletir sobre o limite que a ética profissional impõe na profissão. É uma questão relevante que merece se discutida, até porque cabe ao terapeuta tratar as feridas, as consequências incestuosas naquela criança, naquele cliente, muitas vezes não podendo procurar medidas de proteção para aquele sujeito e de justiça para tal crime.

Discussões como esta nos levam a pensar que a violência sexual, especialmente a cometida contra crianças, não é apenas uma questão que para ser pensada em

nível individual, mas, sim, como uma questão social, a qual fala da relação do indivíduo com seu meio, com os outros indivíduos. Portanto, a presente pesquisa buscou entender o fenômeno do abuso sexual contra crianças e suas consequências na vida adulta, via Psicologia Social, a qual propõe entender os fenômenos de maneira contextualizada.

Primeiramente é necessário se entender o que é a abordagem proposta. Segundo Strey (2010, p. 13):

No entanto, a constatação da impossibilidade de estudar o homem como um ser isolado – objeto da psicologia – conduz ao desenvolvimento de teorias e métodos para explicar a influência dos fatores sociais sobre os processos psicológicos básicos da percepção, motivação, pensamento, aprendizagem e memória, organizando-se dessa forma, a Psicologia Social enquanto umas das áreas da Psicologia. Constitui-se como objeto dessa Psicologia Social o estudo da interação entre indivíduos e sociedade; portanto, indivíduos e sociedade como duas instâncias distintas que, apenas, interagem entre si.

Nessa integração do indivíduo com a sociedade surge à perspectiva adaptacionista, que surgiu pela Psicologia Individual. É importante ressaltar como as influências do meio trazem uma transformação social, na adaptação de mudanças e na solução de problemas (STREY, 2010). Podemos comparar tal informação com a capacidade da vítima de abuso sexual de superar seus obstáculos e dar a volta por cima, buscando a resiliência.

Com base nisso, a influência social que envolve a individualidade do sujeito, tem um grande papel nos determinantes comportamentais das pessoas, muitas vezes superam as diferenças individuais na personalidade humana, tendo a comparação do seu próprio comportamento com o de outras pessoas, na relação e troca de experiências com o outro, podendo buscar a mudança (ARONSON; WILSON ; AKERT, 2011).

Sendo assim, o tema deste estudo embasa a construção da subjetividade, na infância até a idade adulta, mudanças, superações, vivências distintas.

Sobre a subjetividade, de acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 141): “A subjetividade humana surge do contato entre os homens e dos homens com a natureza, isto é, esse mundo interno que possuímos e suas expressões são construídos nas relações sociais.”

Desta forma, de acordo com Silva (2010, p. 167):

Discutir a subjetividade humana na atualidade, do ponto de vista da Psicologia Social que se exerce, é fazer opções. Opções epistemológicas, paradigmáticas, metodológicas, práticas, éticas, estéticas, políticas. Escolher implica percorrer as trajetórias da construção dos saberes, imanente ao processo de hominização – mesmo que de maneira fragmentária e provisória. Escolher implica respeitar o esforço coletivo do pensar.

Apoiando-se ao processo do pensar nas possibilidades que o contexto social oferece nas relações humanas, a influência social, desenvolvimento da personalidade e outros, é importante falar do processo de socialização. Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 138) dizem que:

A formação do conjunto de nossas crenças, valores e significações dá-se no processo que a Psicologia Social denominou socialização. Nesse processo, o indivíduo torna-se membro de um determinado conjunto social, aprendendo seus códigos, suas normas e regras básicas de relacionamento, apropriando-se do conjunto de conhecimentos sistematizados e acumulados por esse conjunto.

Assim, Aronson, Wilson e Akert (2011, p. 15) ressaltam que:

Embora complexo e não mecânico, o comportamento humano não é de insondável. O constructo que a pessoa faz do mundo radica-se, sobretudo em dois motivos fundamentais: o desejo de manter a auto-estima e o desejo de formar um quadro preciso de si mesmo e do mundo social (o enfoque da cognição social). Em conseqüências para compreender como somos influenciados pelo ambiente social, temos que entender os processos pelos quais percebemos, pensamos e distorcemos.

Essa abordagem se aplica na temática no desenvolvimento de um possível tratamento com a psicoterapia, como clínico e as conseqüências do abuso sexual infantil na fase adulta, abordando a sexualidade.

Na Psicologia Social há dois importantes conceitos, que são: A influência social (pelo qual provoca um choque nas pessoas, no social) e o outro é a compreensão da aptidão da influência social investigando o que leva a interpretação das pessoas aos determinantes sociais, no ambiente que vive) (ARONSON; WILSON ; AKERT, 2011).

Para Papalia e Olds (2002) citado por Mello e Dutra (2008) que o desenvolvimento da pessoa perpassa o desenvolvimento de autocontrole da criança, em que ela controla o seu comportamento perante o seu cuidador e fora da presença dele.

Apesar de esta pesquisa ser embasada na Psicologia Social, é importante falar da teoria do desenvolvimento, pois de acordo com o tema do estudo desenvolvido, o abuso sexual ocorreu na infância, como sabemos na fase menos consciente da vida,

na fase em que a criança necessita de cuidados, de um adulto na adesão de seu desenvolvimento motor, cognitivo, entre outros (BEE; BOYD, 2011).

Assim, mediante a teoria do desenvolvimento, segundo Mello e Dutra (2008), a subjetividade é algo mutável, ela pode mudar com o tempo. Sendo um conjunto de características, referências que o sujeito carrega de si (qualidades e defeitos), que podem, sim, tomar outro rumo, o sujeito pode ser o inverso do que era antes, devido às vivências sociais experimentadas.

Com isso, as idéias citadas por Mello e Dutra (2008), com base em Papalia e Olds (2002) e Rogers (1975); entram em sintonia em sua definição sobre o desenvolvimento da criança: A subjetividade é o desenvolvimento intelectual, autoconceito que o sujeito adquiriu no processo de adaptação e formação de si, se aplicando ao termo de ressignificação do seu próprio eu, apto a mudanças.

A subjetividade da criança é essencial para a deliberação do sujeito em um processo terapêutico. O que o sujeito carrega consigo, em sua história, em suas experiências é colocado em terapia. A subjetividade é fruto do indivíduo com o ambiente (MELLO; DUTRA, 2008).

Ao falarmos da abordagem da psicologia social com o abuso sexual infantil, temos que levar em conta os fatores que estão relacionados a esse assunto, quais as causas das ocorrências de abuso sexual infantil e como a abordagem social da psicologia trabalha com essa situação.

Nesse contexto, Cecconello, Antoni e Koller (2003) dizem que há uma mudança nas relações familiares desde os meados do século passado, sendo que atitudes de correção familiar que eram comuns, hoje em dia, são duramente criticadas pelos direitos presentes na nossa constituição.

A respeito do termo família e as relação familiares, Cecconello, Antoni e Koller (2003) utilizam um argumento de Bronfenbrenner (1979/96), em que caracterizam a família como o primeiro local em que há uma participação ativa da criança, havendo esse compartilhamento através de relações faciais, sendo que de início, a criança cria uma relação maternal, após essa relação, há uma interação dessa criança com os familiares restantes. Sendo que esse meio de convivência, há vários fatores em que a criança se desenvolve nesse nicho, como a afetividade e o bem estar dela.

Ao destacarmos a importância da relação familiar com a criança, percebemos a presença de tipos de disciplinas presentes no âmbito familiar. Com base em Hoffman (1975), a disciplina indutiva, caracterizada pela utilização de métodos educacionais para corrigir a criança através de atos equivocados que a mesma efetua, nesse tipo de disciplina, os pais utilizam o diálogo com a criança para a mesma pensar nos equívocos que tinha cometido, e a disciplina coercitiva, caracterizada pelo uso da força física como forma de correção da criança ao cometer atos equivocados, nesse tipo de disciplina, diferente da indutiva, há a utilização do contato físico e a privação das crianças de seu momento de lazer, em que esse tipo de disciplina pode trazer desvios comportamentais para a criança.

Visto que, geralmente depois do abuso sexual sofrido pela criança, há muitas mudanças de comportamento, algumas se tornam mais agressivas outras mais introvertidas, estas formas de correção são constantemente acionadas. Por isso é muito importante que eles se informem sempre sobre esses assuntos e que tenham uma boa relação com os seus filhos, priorizando a confiança. Vale a pena pensar: que marcas o sujeito ainda traz do abuso? Que consequências remetem a sua vida sexual? Essas são questões que podem ser abordadas nesse contexto e com isso trabalhar o contexto que as envolve (JACOB, 2009).

Dependendo das necessidades que se relacionam com as consequências do abuso sexual infantil na fase adulta em sua sexualidade, é visto dentre uma das formas de ajudas às necessidades da vítima, entrar no processo de psicoterapia. Com o objetivo de se tratar possíveis problemas na área pessoal, social, sexual, investigar influências sobre as tendências depressivas, bloqueio em sua sexualidade, entre outros (TELLES; BORIS; MOREIRA, 2014).

## 2.6 A PSICOTERAPIA E O ABUSO SEXUAL INFÂNTIL E AS CONSEQUÊNCIAS NA VIDA AFETIVA, SOCIAL E SEXUAL NA FASE ADULTA

A princípio é evidenciada a carência e insuficiência de dados para se chegar a averiguações sobre o que o abuso sexual vivido na infância pode causar na vida sexual, na fase adulta. O que predomina são os estudos de casos clínicos, do que pesquisa, com isso a busca de artigos é essencial para se chegar a uma possível conclusão pertinente do assunto (JACOB, 2009).

Primeiramente, antes de voltarmos às consequências do abuso sexual sofrido na infância refletido na fase adulta, é importante saber algumas consequências resultantes dessa violência na infância. Assim:

Sendo consequências definidas como a curto prazo, a criança pode ter problemas físicos que envolverão pesadelos, problemas para dormir e mudança de hábitos alimentares; problemas comportamentais, tendo condutas suicidas, auto-flagelação e hiperatividade; problemas emocionais, onde a criança sentirá medo, ansiedade, depressão, isolamento e baixa-estima; e problemas sexuais, que consistem na masturbação compulsiva, no conhecimento sexual precoce e problemas de identidade sexual. Já nas consequências a longo prazo, o indivíduo pode apresentar problemas comportamentais tentando suicídio, consumindo drogas e apresentando transtornos de identidade. Também pode ter dificuldades de vínculo afetivo, sentir-se isolada e problemas de relação interpessoal, além de sofrer com depressão, submissão, ansiedade e dificuldade para expressar sentimentos e, também pode ocorrer da vítima ter um comportamento sexual compulsivo (REZENDE, 2013, p. 95).

Deste modo, as consequências do abuso sexual cometido na infância, nos adultos na área da sexualidade não distinguem os sexos (masculino e feminino), pode ser tão piores pra um quanto para o outro ou na mesma proporção (AZEVEDO; GUERRA; VAICIUNAS, 2000).

Jacob (2009), alerta que o abuso pode, sim, trazer respostas negativas em frente aos relacionamentos, nos âmbitos de poder e autoridade. A afetividade e a realização amorosa, o desejo sexual podem ser prejudicados.

Jacob (2009), propõe que os sintomas mais encontrados na fase adulta por uma pessoa que sofreu abuso sexual vão além de transtorno de ansiedade e de stress pós-traumático a auto-agressões, bipolaridades, suicídio e entre outros. Como falado anteriormente, a psicoterapia é uma das técnicas da psicologia para o tratamento de vítimas de abuso sexual na infância (JACOB, 2009).

De acordo com a temática abordada, buscam a psicoterapia as pessoas que sofreram abuso sexual na infância e que levaram as marcas até a fase adulta e com isso problemáticas em seus relacionamentos amorosos, na área sexual (JACOB, 2009).

Para Bonin (2010, p. 59):

[...] O indivíduo histórico-social, que é também m ser biológico, se constitui através da rede de inter- relações sociais. Cada indivíduo pode ser considerado como um nó em uma extensa rede de inter-relações em movimento. O ser humano desenvolve, através dessas relações, um “eu” ou pessoa (Self), isto é, um autocontrole “egóico”, que é um aspecto do “eu” no qual o indivíduo se controla pela auto-instrução falada, de acordo com a sua auto-imagem ou imagem de si próprio.

Assim, ao se tratar de consequências do abuso sexual na infância no que tange a vida pessoal, social e sexual do sujeito, a Psicologia vai ajudar a tratar a dificuldade de se relacionar saudavelmente na intimidade de um casal e má vida social do sujeito.

Muitas mulheres vítimas de abuso sexual na infância, não conseguem ter a vida sexual ativa, se bloqueiam (JACOB, 2009). A autora Jacob (2009) frisa a profundidade de sentimentos negativos resultantes do abuso sexual, ele remete a algo interpessoal, é uma violência que afeta as áreas pessoais mais delicadas do sujeito, mexe com as estruturas psíquicas que poderiam de certa forma passar por um desenvolvimento saudável.

Com isso, é de grande importância que se ocorra o sentimento de empatia, em ambiente terapêutico, mas criando uma relação terapeuta-cliente, é necessário separar as coisas, não mantendo uma relação íntima e sim com fins terapêuticos (FORGHUIERI, 2007), a Psicologia vem tratar essas questões com cautela e sensibilidade. Desta maneira, vinculando a importância da boa relação do terapeuta e cliente, o ambiente terapêutico deve trazer conforto e liberdade de expressão para o cliente (MELLO; DUTRA, 2008).

Um dos objetivos do processo terapêutico é fazer o cliente vivencie novas experiências, tomar consciência, vivenciar sentimentos e situações positivas vivenciando o eu, buscando sua identidade, saindo da área de desconforto e levando-o para a reflexão e prática das mudanças em si (MELLO; DUTRA, 2008).

Para Jacques (2010, p. 159) Psicologia social contemporânea:

Quando se referem ao conceito de identidade, os autores empregam expressões distintas como imagem, representação e conceito de si, em geral, referem-se a conteúdos como junto de traços, de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio.

Ao tratar das consequências deixadas na fase adulta pelo abuso, Segundo McGregor (2001) citado por Jacob (2009), as feridas deixadas na fase adulta pelo abuso podem ser as mesmas acometidas por pessoas que não eram parentes ou não viviam no mesmo contexto que a vítima.

A partir dessa concepção Orly e Hunsley (2001) citado por Jacob (2009) ressaltam em seus estudos pesquisas que apontam que mulheres abusadas têm mais probabilidade de nunca se casarem, do que as não abusadas. Também mostram

dados de que os indivíduos abusados são mais moderadamente introvertidos e com estilos de vida mais isolados em comparação com o grupo de controle.

Falar sobre sentimentos relacionados a um abuso sexual infantil, na maioria das vezes é muito difícil, a repreensão desses sentimentos às vezes é a melhor forma de fugir dessa realidade que um dia o cliente viveu, o psicoterapeuta vem mudar essa visão, vem trabalhar os possíveis traumas que bloqueiam o cliente em sua vida afetiva, buscando se libertar das amarras criadas pela vítima, na profundidade do abuso sofrido (MELLO; DUTRA, 2008).

Segundo Jacob (2009) pela questão do medo e de vergonha de si pelo o abuso acometido nas vítimas, muitas mulheres perdem sua feminilidade, não se sentem mais atraentes e com isso não dispõem de uma sexualidade aparentemente normal e saudável. Com isso, podem ter distúrbios ligados ao peso e a questão da baixa auto-estima.

Visto que, por pesquisas feitas, as consequências na fase adulta pelo abuso sexual sofrido na infância podem resultar diversas disfunções sexuais. Cabendo ao terapeuta, dependendo da demanda do cliente e suas necessidades, encaminhá-lo a tratamento com médico, psiquiátrico, entre outros (MELLO; DUTRA, 2008).

Com isso, a pesquisa objetiva identificar se essas informações ainda estão presentes na realidade, com a ajuda das entrevistas feitas com os participantes e a análise dos dados adquiridos, buscando a integridade do sujeito em sua vida pessoal e social, levantando dados que podem constatar as consequências do abuso sexual na infância na fase adulta, na área sexual; buscando tratamentos para essas vítimas, enfocando a psicoterapia, como também relacionando algumas questões, visto a demanda, a necessidade de haver uma terapia individual, se necessário em casal; A psicoterapia de casal é uma ótima forma de tratamento na vida conjugal, quando as consequências sofridas no abuso interferem bastante na vida sexual dos mesmos (Jacob, 2009). Destacando que, não sendo apenas essas as formas de tratamento.

Em alguns casos, quando a vítima não teve um apoio necessário, não teve assistência psicológica e pelos seus direitos, ela pode transformar a angústia e o seu sofrimento em algo físico, já que não conseguiu se expressar, amenizar sua dor (REZENDE, 2013).

Explicando melhor o que foi dito acima, Rezende (2013, p. 96) fala que “Outro agravante dessa situação é evidenciado pelo fato da maioria das vítimas de abuso sexual, quando adultas passam da fase passiva para a ativa, onde perpetuam o mesmo crime em seus filhos ou crianças próximas.”

Com isso, já que o abuso sexual tem suas várias formas, ele pode não ter o contato físico também. Assim, não se tem como averiguar as lesões consequentes do possível abuso.

Scherer (2009, p. 50) citado por Lima (2012, p. 11) diz que: “A área da sexualidade parece ser uma das mais atingidas no caso do abuso sexual na infância e na adolescência. De modo geral os problemas de adaptação sexual estão ligados a uma negação de todo e qualquer relacionamento sexual ou a uma incapacidade de vivenciar relacionamentos sexuais satisfatórios”. Lembramos-nos disso ao falar do bloqueio ou uma sexualidade exacerbada na adolescência ou na fase adulta.

Como dito anteriormente, de acordo com a literatura e os relatos dos participantes da pesquisa, as consequências não distinguem os sexos, podem ser tão ruins para uns como para outros. A autora Oliveira (2013, p. 31) em suas conclusões finais de acordo com vários autores, sobre as possíveis consequências do abuso sexual infantil na fase adulta na mulher, os quais evoluem a área emocional, social e sexual, que são:

Ansiedade, depressão, uso e/ou abuso de substâncias, comportamentos suicidas, transtorno de stress pós-traumático, baixa auto-estima, distúrbios da sexualidade, revitimização, comportamento auto destrutivo, sentimentos de isolamento, transtorno alimentar, falta de confiança no outro, problemas de relacionamento, sentimento de culpa, dissociação, conflitos interpessoais, transtornos psiquiátricos, fobias, promiscuidade, transtorno de personalidade borderline, vulnerabilidade das mulheres a homens sexualmente exploradores, diminuição da capacidade de proteger os filhos, sexualidade exacerbada, agressividade, medo, dificuldade de se relacionar com o outro, maior chance de divórcio, vaginismo, sexo desprotegido, insegurança, sentimento de fracasso e incapacidade, dificuldade de tomar decisões, imagem distorcida de si, falta de prazer no sexo, tendência a prostituição, comportamento sexual inapropriado, distúrbio de personalidade, sintomas histéricos, somatizações, habilidade de comunicação empobrecida, probabilidade de nunca casarem, introversão, sentimento de ameaça, sentimento de traição, sentimento de violência, falta ou diminuição do desejo sexual, dificuldade de lubrificação, anorgasmia, tendência ao sexo violento ou sadomasoquista, dispareunia, transtorno afetivo, transtornos psicosssexuais, impulsividade, delinquência, fantasias de liberdade, pensamentos intrusivos, perda de memória, imaturidade psíquica, dificuldade de superar decepções amorosas, risco HIV na vida adulta, esquizofrenia, sensação de desesperança e pedofilia (OLIVEIRA, 2013, p. 31).

Assim de acordo com alguns autores que Lima (2012, p. 11) usou em sua pesquisa, a autora separou consequências em curto prazo que são as:

Físicas: pesadelos e problemas com o sono, mudanças de hábito alimentares, perda do controle de esfíncteres. Comportamentais: Consumo de drogas e álcool, fugas, condutas suicidas ou de auto-flagelo, hiperatividade, diminuição do rendimento acadêmico. Emocionais: medo generalizado, agressividade, culpa e vergonha, isolamento, ansiedade, depressão, baixa auto-estima, rejeição ao próprio corpo (sente-se sujo). Sexuais: conhecimento sexual precoce e impróprio para a sua idade, masturbação compulsiva, exibicionismo, problemas de identidade sexual. Sociais: déficit em habilidades sociais, retração social, comportamentos antissociais.

Essas consequências em sua maioria aparecem logo após o abuso e podem desaparecer ou piorar com o tempo, depende de cada situação, de cada tipo abuso e a forma de como o sujeito reagiu com esse acontecimento trágico e marcante em sua vida (Lima, 2012).

Assim Lima (2012, p. 11) diz que: [...] “Elas são consequências que apresentação sua manifestação em longo prazo podendo variar de individuo para individuo de acordo com sua subjetividade, situação emocional e até mesmo estímulos e influências do meio em que o sujeito esta inserido”.

Mediante a isso, as consequências de longo prazo são as:

Físicas: dores crônicas gerais, hipocondria ou transtornos psicossomáticos, alterações do sono e pesadelos constantes, problemas gastrointestinais, desordem alimentar. Comportamentais: tentativa de suicídio, consumo de drogas e álcool, transtorno de identidade. Emocionais: depressão, ansiedade, baixa auto-estima, dificuldade para expressar sentimentos. Sexuais: fobias sexuais, disfunções sexuais, falta de satisfação ou incapacidade para o orgasmo, alterações da motivação sexual, maior probabilidade de sofrer estupro e de entrar para a prostituição, dificuldade de estabelecer relações sexuais. Sociais: problemas de relação interpessoal, isolamento, dificuldades de vínculo afetivo com os filhos (LIMA, 2012, p. 11-12).

As consequências na vida adulta acometida pelo abuso sexual na infância podem ser as mesmas para ambos os sexos, mas é importante ressaltar, as consequências mais presentes nos homens que de acordo com aos autores Milne (2001), Furniss (1993) e Loeb et al. (2002) citado por Jacob (2009), dizem que são: a homofobia, banalização, solidão e a síndrome do vampiro. A homofobia ocorre quando o individuo questiona a sua identidade sexual, se o individuo é homossexual ele praticamente coloca a culpa no abuso por ele ter se tornado e pode gerar sentimentos parecidos com o que resultou do abuso como o nojo e o pânico; A banalização quando ocorre à questão do abusador seja uma mulher com um

menino, o qual, este tipo de abuso é o mais difícil ser encontrado e a sociedade banaliza tal ato, tomando o menino quando não gosta “homossexual” e quando gosta um “sortudo”, mesmo senão houver uma visão de abuso por parte da vítima é possível os meninos apresentarem algumas consequências posteriormente; Solidão que fala sobre a questão do pedido de ajuda por parte do menino, que por muitas vezes uma sociedade machista os impede de falar, talvez por medo de serem ridicularizados e para não se mostrarem vulneráveis; por último a síndrome do vampiro, que é umas das consequências mais preocupantes que podem resultar de um abuso sexual, pois o ato de abusar se torna algo presente na vida da vítima, de certa forma ela deixa de ser vítima e faz novas vítimas, se tornam perpetradores, mas ressalta-se que nem todos os meninos que foram abusados se tornam perpetradores, essa é uma questão individual, um risco social e requer tratamento intenso se a vítima demonstrar indícios de que continuará administrando essa violência. Visto que, meninas também têm a probabilidade de serem perpetradoras, mais as chances disso acontecer são bem pequenas (JACOB, 2009).



### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa se caracteriza por ser um estudo qualitativo e descritivo, com o objetivo de entender em profundidade o sofrimento psíquico decorrente do abuso sexual na infância em relação à sexualidade adulta.

Segundo Gil (2009, p. 28), “Pesquisas desse tipo tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis”.

Sobre pesquisa qualitativa e o seu significado, Gil (2009) define que esse mesmo tipo de pesquisa apresenta algumas características privadas, sendo a mesma reconhecida na produção de conceitos específicos em cima de um fato ou uma questão de fatores precisos, e não de forma geral. Sendo que esse tipo de pesquisa funciona em cima da área pesquisada, propondo variáveis mais fúteis, sendo essas não havendo ligações.

De acordo com Goldemberg (1999), a pesquisa qualitativa, após a análise dos dados, deve passar pelo procedimento de relacionar o material produzido com a teoria de base do estudo e pelo confronto dos dados entre si para se chegar às respostas desejadas e atingir os objetivos propostos, o que também foi realizado no presente estudo.

#### 3.2 CAMPO DE ESTUDO

A pesquisa será feita no campo da Psicologia Social, que para Aronson, Wilson e Akert (2011, p. 15): “A psicologia social é definida como o estudo científico de como os pensamentos, os sentimentos e os comportamentos das pessoas são influenciados pela presença, real ou imaginada, de outras”.

É pertinente o uso dessa abordagem no campo da violência, inclusive a sexual, pois a Psicologia Social entende os fenômenos dentro de seu contexto (LANE, CODO, 2004), o que veio enriquecer o entendimento do sofrimento psíquico destes sujeitos violentados, bem como seu sofrimento individual e também social em diversas áreas de sua vida, quando adultos.

Diante disso, Lane (2004, p. 83) diz que:

O indivíduo, na sua relação com o ambiente social, interioriza o mundo como realidade concreta, subjetiva, na medida em que é pertinente ao indivíduo em questão, e que pó sua vez se exterioriza em seus comportamentos. Esta interiorização-exteriorização obedece a uma dialética em que a percepção do mundo se faz de acordo com o que já foi interiorizado, e a exteriorização do sujeito no mundo se faz conforme sua percepção das coisas existentes.

Podemos relacionar essa citação acima, com o abuso sexual e sua repercussão na vida da vítima. Como ela interioriza e exterioriza suas reações e possíveis consequências geradas da violência psíquica, física que vivenciou.

### 3.3 PARTICIPANTES

A amostra foi constituída por acessibilidade, contando com cinco participantes, quatro do sexo feminino e um do masculino, número este tido como suficiente para a proposta do presente estudo, até mesmo devido à complexidade do tema. Mediante ao conhecimento do presente tema no âmbito acadêmico e social, alguns dos participantes se interessaram a contribuir com a pesquisa procurando a pesquisadora e se oferecendo para participar das entrevistas, outros por informações colhidas pela pesquisadora por meio de amigos ou pelas próprias pessoas foram questionados se tinham interesse de participar da pesquisa, assim aceitaram.

A amostragem por acessibilidade ou por conveniência de acordo com Gil (2009, p. 94):

Constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão.

Os critérios para a escolha dessa amostra foram os seguintes:

- Que a pessoa estivesse na fase adulta. De acordo com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990), Artigo 2º inserido na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Das Disposições Preliminares:

Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquele entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único: Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade (BRASIL, 1990).

Entende-se que nesse trabalho que o adulto seriam pessoas com mais de 18 anos (Assim explicado pelo ECA, 1990). Optou-se por entrevistar adultos (pessoas maiores de 18 anos ou mais) por entender que está seria uma fase em que os participantes já tivessem condições claras de percepção em seu momento de vida as consequências do abuso sexual vivido na infância.

Mediante a isso, Louro (2001, p. 11) diz que:

A sexualidade seria algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza.

- Que os participantes tivessem passado por pelo menos uma experiência de abuso sexual na infância, entendida aqui como o período até os 12 anos incompletos. Mediante ao ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) no Artigo 2º inserido na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, das Disposições Preliminares, diz que a criança é a pessoa que possui 12 anos incompletos (BRASIL, 1990). Sendo assim este estudo entrevistou pessoas abusadas sexualmente até no máximo 12 anos.

A primeira participante tem vinte e cinco anos, solteira, cursando ensino superior, desempregada, mora em Vitória; a segunda participante tem vinte e sete anos, casada, tem um filho, mora em Vila Velha e trabalha em uma empresa; a terceira possui vinte e um anos, solteira, com ensino médio incompleto, desempregada e mora em Vila Velha; a quarta participante tem dezoito anos, mora em Vila velha, estudante, faz menor aprendiz; e o quinto participante tem 20 anos, cursando ensino superior, mora em Vitória, estudante. As identidades das participantes serão mantidas em sigilo. Para tanto, foram usados nomes fictícios respeitando os limites e direitos das participantes, o código de ética e o termo de consentimento que ela assinou, anexado no final do projeto (Apêndice B).

Foram, então, entrevistadas cinco pessoas, que sofreram abuso sexual na infância e atualmente são maiores de idade.

De acordo com a caracterização que segue no quadro abaixo:

Quadro 1 – Caracterização das amostras

(continua)

<b>Participante</b>	<b>Idade Atual</b>	<b>Abusador e Quant. de Casos</b>	<b>Idade da Vítima Quando Sofreu Esses Abusos</b>
Ana	25 anos	1° Tio: Uma vez, 2° Parente do Tio: Uma vez.	Mais ou menos sete ou oito anos (Nos dois casos).
Bárbara	27 anos	1° Tio: Uma vez.	Mais ou menos cinco anos.

Quadro 1 – Caracterização das amostras

(conclusão)

Cíntia	21 anos	Padrasto: Incontáveis Casos, todos os dias praticamente.	Dos dez aos treze anos.
Daniela	18 anos	1° Primo, 2° Cunhado, 3° Garotos da Escola: Todos os casos foram acometidos mais de uma vez pelos abusadores com a vítima, menos o ato sexual que só foi praticado pelo cunhado com a mesma.	1° Seis anos, 2° Dez anos, 3° Não sabe a idade ao certo, só que era no tempo que estudava, na época do ensino fundamental ou médio.
Evandro	20 anos	1° Vizinho.	Mais ou menos aos cinco, seis ou sete anos de idade.

Fonte: Elaboração própria.

### 3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coletas de dados foi uma entrevista semi-estruturada que contou com um roteiro de perguntas, pelo qual, foram gravadas e transcritas.

Segundo Gil (2009), dessa forma, a entrevista é um tipo de interação social que envolve um diálogo, uma comunicação em que uma das partes tem objetivo de coletar informações, ao tempo que a outra parte as fornece.

May (2004) fala sobre a entrevista semi-estruturada, conceituando-a como de natureza aberta, melhor explicando, o entrevistado em suas respostas expõe seus pensamentos e pontos de vista, mas é limitado ao ponto de não falar livremente, pois o manuseio do entrevistador nesta questão é muito importante durante a

entrevista, pelo qual, objetiva sempre não se perder o foco do que quer se buscar na mediante pesquisa.

Mediante a isso, Gil (1999, p. 120): “Explica que o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”.

O roteiro de entrevista (Apêndice A) contou com questões semi-abertas, o qual os próprios participantes responderam livremente, mais seguiram o propósito do roteiro de perguntas da pesquisadora.

A pesquisadora buscou obter respostas nas entrevistas, que respaldavam o que se buscava nos objetivos da pesquisa, pelo qual, a interação entre a pesquisadora e os entrevistados foi primordial para o andamento das entrevistas. Assim, Gil (2009) afirma essa informação, ao dizer que a entrevista é uma forma de interação, que envolve a busca de coletas de dados e o foco da pesquisa em si. Com isso, as entrevistas foram feitas de uma forma bem cautelosa para não desviar do objetivo principal.

### 3.5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Os participantes, após a identificação para esse potencial, foram contactados por telefone e internet, foram questionados sobre o interesse e aceitação das suas participações dessa entrevista. Assim, o procedimento de coleta de dados ocorreu a partir de entrevistas face a face com os participantes que sofreram abuso sexual em sua infância, com perguntas referentes: Ao que o participante se lembra; início e término do abuso, o momento da denúncia e reação dos familiares dessa descoberta, vida sexual, pessoal e social e com isso foi investigado as possíveis consequências que esse abuso gerou ou pode gerar um dia na vida adulta dos participantes.

As perguntas foram explicadas oralmente e diretamente para a familiarização da participante da entrevista, deixando claro quais são os objetivos da pesquisa. A entrevista face a face é feita com o pesquisador e o participante juntos no mesmo âmbito, para que se for necessário algumas perguntas ou dúvidas podem ser tiradas pessoalmente ou por telefone. As entrevistas foram realizadas em lugares neutros e

com privacidade, para garantir a qualidade da coleta de dados e o conforto dos participantes mediante as perguntas. Em cada entrevista foi apresentado um termo de consentimento para que antes ou o qual for firmado o compromisso da entrevista.

Sobre a entrevista, Bardin (2011, p. 93) fala que:

Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa – o entrevistado – orquestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjetividade está muito presente: uma pessoa fala. Diz "Eu", com o seu próprio sistema de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente.

Esse tipo de entrevista, de acordo com o instrumento de coletas de dados, pode ser gravada ou escrita (GIL, 2009).

Os dados foram gravados e transcritos na íntegra de acordo com as respostas adquiridas durante a entrevista com as participantes e a aprovação dos mesmos para a gravação.

### 3.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A interpretação dos dados dessa pesquisa foi acometida pela análise qualitativa, permitindo que o pesquisador se apropriasse dos pontos proeminentes com vista a atingir os objetivos da pesquisa.

Com isso, segundo Gil (2002, p. 133) análise qualitativa:

É menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.

Para tanto, a presente pesquisa utilizou a Análise de Conteúdo como estratégia de análise, a qual, de acordo com Bardin (2011), é uma técnica de tratamento de dados linguísticos por meio de categorização dos elementos significativos trabalhados das entrevistas.

Com base nisto, Bardin (2011, p. 147):

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por

reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos.

A partir da categorização das expostas, os dados foram pensados com base na Psicologia Social. A análise foi feita a partir da interpretação dos dados adquiridos da entrevista, o envolvimento desses dados com os objetivos da pesquisa e assim a relação com teoria e seus aspectos.

Gil (2009) fala que o pesquisador objetiva mais deixar claro, explicar e mostrar os dados do que se embasar em leis e na dedução em princípios, destaca a consciência do sujeito, o que ele traz consigo; o que interessa para o pesquisador é como o sujeito se organiza mentalmente, posiciona, realiza o conhecimento do mundo que o envolve.

De acordo com o que se buscou no presente estudo, no que remete a interpretação dos resultados de acordo com Gil (2009, p. 178):

O pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido. Esse universo é o dos fundamentos teóricos da pesquisa e o dos conhecimentos já acumulados em torno das questões abordadas. Daí a importância da revisão de literatura, ainda na etapa de planejamento da pesquisa.

### 3.7 ASPECTOS ÉTICOS

Um dos aspectos éticos que devemos focar é o sigilo profissional que deve ser garantido à participante em cumprimento ao Código de Ética, que orienta a realização de pesquisa com seres humanos. Depois de ter sido orientado e informado em relação aos cuidados éticos ao que será pesquisado, a aceitação do participante é uma maneira de garantir que os propósitos da pesquisa são compartilhados pelo pesquisador. Respeitando as normas e diretrizes do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice B), que é assinado pelos participantes, obtendo todas as informações necessárias para o esclarecimento de dúvidas e confiança no projeto.

Foi considerada a liberdade dos participantes de em qualquer momento poder desistir da pesquisa, por respeito ao mesmo.

Os nomes foram fictícios, para não expor a identidade dos participantes, na garantia do sigilo garantido a eles pelo pesquisador e o termo de consentimento.

De acordo com o Conselho Federal De Psicologia, no uso de suas atribuições legais e regimentais, que lhe são conferidas pela Lei nº 5.766, de 20 de dezembro de 1971, considera (BRASIL, 2000):

Que a pesquisa envolvendo seres humanos; em Psicologia, é uma prática social que visa à produção de conhecimentos que propiciam o desenvolvimento teórico do campo e contribuem para uma prática profissional capaz de atender as demandas da sociedade (BRASIL, 2000).

Com isso, na mesma lei de acordo com o consentimento do participante:

Os psicólogos pesquisadores, em respeito à autonomia, liberdade e privacidade dos indivíduos, deverão garantir, em suas pesquisas:

- 1° Que a participação é voluntária;
- 2° Que os participantes estão informados sobre os objetivos da pesquisa e o uso que será feito das informações coletadas;
- 3° Que os participantes foram informados e entendem com clareza os procedimentos aos quais serão submetidos, bem como suas possíveis consequências (BRASIL, 2000).

## 4 RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Serão apresentados aqui os resultados significativos que contextualizam a experiência do sofrimento de quem foi abusado sexualmente, bem como das consequências experienciadas a partir desse abuso. Mediante as entrevistas e aos relatos dos entrevistados, foram necessárias categorias temáticas de acordo com os conteúdos e assuntos que embasam este estudo, assim, seis temas foram criados para melhor compreensão da entrevista e clareza da explanação dos dados. Primeiramente abaixo estão os temas, os significados de cada um e um quadro que apresenta os resultados relacionados aos temas propostos para o desenvolvimento do tema da presente pesquisa.

- Tema 1: Abusadores

A partir das entrevistas foram constatados como abusadores aqueles que de alguma forma infringiram um espaço inocente da vida dos abusados, melhor dizendo, acometeram situações e atitudes negligentes sexualmente nessas vítimas.

- Tema 2: Tipos de abusos

Esse tema está relacionado á inflações no corpo ingênuo de uma criança, um abuso de poder, uma forma de mostrar carinho e afeição indagadora, escrupulosa.

- Tema 3: Reações das vítimas

Embasa o que a vítima sofreu depois do ato negligente do abusador, o que tinha em consciência ou não, como se comportou ao ocorrido.

- Tema 4: Consequências sociais e psíquicas

Resultando das entrevistas, foi visto que os abusos acometeram nas vítimas características que embasam consequências nessas áreas, como introversão, afastamento social.

- Tema 5: Consequências afetivas

De acordo com as entrevistas e suas averiguações, é visto consequências na área afetiva em suas peculiaridades nas questões de afeto, de toque, de interação com o próximo.

- Tema 6: Consequências na sexualidade

Por fim, esse tema embasa o principal objetivo da pesquisa, investigar o que os abusos resultaram na vida sexual dessas pessoas.

Com isso, várias consequências foram constatadas e no quadro abaixo estão compiladas:

Quadro 2 – Resultados apresentados por temas

<b>Tema 1: Abusadores:</b>	Tio, parente do tio, padrasto, vizinho, primo, cunhado e meninos da escola.
<b>Tema 2: Tipos de Abusos:</b>	Alisar a vítima, toque no abusador, agarros, falas eróticas, beijar, sentar no colo, morder orelha e pescoço, arranhar, penetração com os dedos e penetração com o pênis.
<b>Tema 3: Reações das Vítimas:</b>	Sentir nojo e raiva, pedir pra parar, se assustar, não saber o que estava acontecendo e outros casos tinham consciência do acontecido, levar na brincadeira para disfarçar, correr, tentar fugir, ficar estática.
<b>Tema 4: Consequências sociais e psíquicas:</b>	Mudança de comportamento, inquietação, vida social ruim, criança reclusa, timidez, medo de pessoas, chorar muito, não gostar de crianças e homens mais velhos, depressão, traumas, frieza para os outros, distúrbios de sono, auto-mutilação, mudança de aparência, dificuldade de relacionamentos.
<b>Tema 5: Consequências afetivas:</b>	Não gostar que falem alto, demorar para beijar e transar, vergonha de homem, ódio, fobia ao contato humano, dificuldade de se envolver com pessoas, más lembranças, isolamento, sentimentalismo, dificuldade de demonstrar afeto, individualidade, desconfiança, sensação de dor, não gostar de contato físico, não gostar de meninos mais velhos, no caso do homem, gostar de mulheres mais velhas.
<b>Tema 6: Consequências na Sexualidade:</b>	Nojo de homem, sentimento de perdedor, se sente um símbolo sexual, um objeto a ser usado por todos, tem dificuldade de manter o ato sexual, bloqueio, sexualidade prematura, distúrbio hormonal, vigor sexual, desconforto, atração por mulher (por parte das meninas), não conseguir relaxar no ato sexual, vontade

	exacerbada de fazer sexo.
--	---------------------------

Fonte: Elaboração própria.

Com relação ao desenvolvimento infantil, de acordo com as idades dos participantes dessa pesquisa, constatou-se que os abusos foram cometidos com as crianças durante o desenvolvimento ou início da menarca (no caso das meninas), na tendência secular, na puberdade em ambos os sexos (BEE; BOYD, 2011). Com base na literatura pertinente, serão agora discutidos os resultados encontrados a partir dos dados coletados, subdivididos em temas e ilustrados com falas elucidativas dos participantes para cada tema a ser debatido.

O tema “Abusadores” definiu quem cometeu os abusos com os participantes, que foram: o tio, parente do tio, padrasto, vizinho, primo, cunhado e meninos da escola. Os dados mostraram que todos são homens, pessoas próximas das vítimas, geralmente homens mais velhos, à exceção dos meninos da escola. Percebeu-se que independentemente da idade são sempre homens do cotidiano da vítima, ou seja, o abusador geralmente tem livre acesso a criança. No caso das meninas, todas foram abusadas por pessoas da família, sendo que uma também o foi pelos colegas de escola. No caso do menino, foi um vizinho.

Azevedo e Guerra (1995) falam sobre essa questão de que a maioria dos abusos com crianças são cometidos por pessoas próximas da vítima e seus parentes. Nessa mesma linha de raciocínio Malta (2009, p.16) afirma esse dado da entrevista, ao falar que: “Os abusadores, na maioria das vezes, são pessoas aparentemente normais e do círculo de confiança das crianças e adolescentes, como por exemplo, familiares, amigos, vizinhos, colegas ou mesmo os seus responsáveis.”

Isto se confirma por meio dos seguintes relatos:

Eu tinha um tio, ele é vivo ainda, a gente ia muito para uma casa de praia em Conceição da Barra, [...] foi todo mundo para a praia pra água, aí [...] nisso que ele me pegou no colo, ele colocou a mão por dentro do meu biquíni, na parte de cima [...] (ANA, 25 anos).

Durante os momentos antecedentes, antes de ser cooptado para o ato, eu tinha uma boa imagem daquela pessoa, porém durante o ato em si eu fiquei com nojo e raiva afinal me machucou bastante, e ele não parava quando eu pedia (EVANDRO, 20 anos).

[...] tive algumas agressões na escola, bullying e alguns meninos que insistiam em tocar minhas partes e se esfregar em mim por eu ter o corpo mais desenvolvido que as outras da minha idade (DANIELA, 18 anos).

Nestes relatos quem cometeu os abusos foram o tio, vizinho e meninos da escola. Pessoas próximas, do círculo de confiança e estando em um local que toda a família da vítima estava, ainda assim cometeram abusos contra a criança. Em vista desse comportamento, o qual o ambiente que a vítima se encontrava antes dos abusos oferecia segurança e confiança por estar com a família, podemos relacionar essas atitudes ilegais e irracionais com o que Matias (2006) diz sobre o comportamento animal relacionado ao homem nesse contexto, o qual Claude Lévi-Strauss (1976, citado por Matias 2006) que ressaltou essa teoria, explicando uma das causas do incesto cometido por eles. É como se o desejo sexual presente entre familiares fosse possivelmente igual ao dos animais, que não possuem regras em suas relações afetivo-sexuais.

De acordo com o relato de um dos participantes abaixo:

[...] e acontecia mais quando minha mãe não estava em casa, ela estudava a noite e trabalhava de dia. E às vezes ou ele não trabalhava e chegava mais cedo, e... Graças a Deus não chegou a consumir, mais tudo que falta tudo que tem antes aconteceu, só faltou mesmo consumir, graça a Deus não aconteceu isso (CINTIA, 21 anos).

É curioso notar como estes exemplos de abusos ocorreram próximos a outros adultos e estes não perceberam ou não se mobilizaram para impedir tais atos. Segundo Lippi (1990), é importante dar suporte a criança e estar atento aos indícios comportamentais que ela emite quando está sofrendo abuso sexual, já que geralmente ela não verbaliza sobre tal agressão.

Existem situações em que a criança relata os abusos, como foi o caso da participante Daniela, mas nem sempre os adultos lhe dão a devida credibilidade, como se pode notar no seguinte relato:

Às vezes que eu tentei conversar. Eles reagem mal, falavam que eu era louca, me ameaçam me internar, que eu só queria estragar a felicidade dos outros, que era a minha imaginação ou que eu tinha provocado. Não denunciei porque quando ia fazer isso, meus pais me colocaram na justiça por rebeldia, e devido a todo o sofrimento que tive que passar respondendo a esse processo, desisti (DANIELA, 18 anos).

Ressalta-se a importância da família conhecer bem as pessoas do seu círculo de amizade, antes de levá-las até o seu lar, pelo qual, possa ter contato com as crianças presentes nesse contexto familiar. A postura que a família de Daniela teve em frente à situação que estava acontecendo impossibilitou a ela, que foi a vítima, a lutar pelos seus direitos humanos e dar a punição merecida aos abusadores. Santos e Dell Aglio (2009) citado por Medeiros (2013) acentuam a importância do apoio dos

familiares com a vítima do abuso, a atenção ao que a vítima relata e com isso a necessidade de apurar os fatos e comportamentos que aconteceram ou ainda acontecem. É extremamente importante estimular a criança a buscar superar seus problemas, a ter capacidade de mudança, de ultrapassar seus obstáculos, isto se chama resiliência.

A ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) prevê os direitos e deveres que são essenciais para um bom desenvolvimento e bem estar das crianças e adolescentes. Com isso, criou leis de responsabilidade familiar. A exemplo disso cita-se o artigo 4º inserido na Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 para a responsabilidade de todos os setores da sociedade em defesa dos direitos da criança e do adolescente que diz:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Por muitas vezes a família não exerce esse dever, não oferece um ambiente acolhedor, seguro, uma família protetora e amorosa. O incesto se mostra como uma forma muito perversa de violência contra a criança, até mesmo pelo fato de a pessoa ser da família da vítima, que convive no mesmo lar, o que dificulta ainda mais a defesa da própria criança, mas quando não ocorre o abuso sexual incestuoso, reações parecidas são recorrentes desta violência (AZEVEDO; GUERRA, VAICIUNAS, 2000).

Apesar de nos dados coletados não ter aparecido nenhum caso de incesto propriamente dito (pai, irmão), ressalta-se a importância desta discussão, visto que os abusadores aqui apresentados são, sim, pessoas próximas à vítima. Com efeito, nestes casos, a família passa a ser contraditória a tudo aquilo que o ECA (1990) diz, trazendo assim inúmeras consequências para o desenvolvimento cognitivo, físico da criança.

Neste sentido, Bee e Boyd (2011) falam de como a imagem do adulto é importante para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Os adultos presentes na família são a inspiração das crianças, são reconhecidos como a primeira referência de ser humano que as crianças têm e as levam a se reconhecerem como sujeito. Assim, percebe-se que um comportamento violento por parte de um adulto da

família pode provocar nesta criança problemas até mesmo de desenvolvimento e de aprendizagem.

A temática “Tipos de abusos” fala sobre as formas de violação da vítima, que nem sempre chega a ser o ato sexual em si, mas muitas vezes são caracterizados por comportamentos que antecedem o ato. Os dados encontrados foram: alisar a vítima, toque no abusador, agarros, falas eróticas, beijar, sentar no colo, morder orelha e pescoço, arranhar, penetração com os dedos e penetração com o pênis.

Malta (2009) fala sobre uma categorização das formas de abuso sexual. São elas: sem contato físico, com contato físico, com violência e sem violência. De acordo com este autor, pode-se dizer que as falas eróticas foram às formas de violência aqui encontradas como as sem contato físico. As com contato físico foram inúmeras, que vão desde alisar a vítima, toque no abusador, beijar, mordidas, arranhões, sentar no colo até penetração com os dedos e penetração com o pênis. Em dois casos dos cinco participantes ocorreram à penetração, consumando o ato sexual. Vale ressaltar que aqui se entende todos estes comportamentos também situados na categoria “com violência”, visto que todos foram contra a vontade da vítima - elas não foram seduzidas e nem persuadidas. Esta categoria ganha ainda mais destaque com o relato de uma vítima que dizia que apanhava muito como forma de ser coagida a permitir o ato do abuso, conforme o relato de Cíntia (21 anos) abaixo:

[...] “E quando eu lutava contra isso, contra a tentativa dele, apanhava sim, murro na cabeça, apanhava bastante sim, não era pouco não, com força mesmo”.

Assim, Daniela - 18 anos, que sofreu abusos primeiramente do primo que era criança também na época e do cunhado, pelo qual, o ato sexual foi consumado, mostra uma experiência elucidativa para esta pesquisa, pois sofreu (infelizmente) a maioria das formas de abuso citadas acima. A participante relatou o seguinte:

[...] a outra vez foi com o meu cunhado que vivia dando em cima de mim. Ainda estava com 10 anos e devido à idade dele, não achava que fosse sério as coisas que ele falava, pois diferente do meu primo, ele era mais “cavalheiro”, me elogiando e dando coisas, mas eu não cai na dele. Pra não ir mais na casa da minha tia, eu passei a ficar na minha irmã, principalmente nas férias, e toda vez que ela ia dormir, eu e ele ficávamos vendo filme e ele me alisava a coxa ou o cabelo, e eu sempre tentando levar na brincadeira, porque achava que era coisa da minha cabeça. Num certo dia, eu estava no chão, inclinada entre as almofadas e ele então me beijou, eu o afastei, mas ele me agarrou e disse que se eu fizesse barulho eu iria ver o que acontecia, sabia que a minha irmã não acreditaria em mim e ela amava ele demais e na hora, por medo, obedeci. Ele então quase rasgou minha camisola e começou a me penetrar com os dedos, isso me fazia contorcer,

doía, mas ele não parou. Até que quando eu ia chorar ele penetrou com tudo e eu me debati. Ele saiu rápido quando ouviu minha irmã levantando pra ir ao banheiro e foi dormir. Fez amor com ela àquela noite só pra se vangloriar e eu fiquei acordada sem conseguir dormir. Depois dessa vez aconteceram pouquíssimas ações assim porque não fui mais pra casa dela, então ele só tentava me agarrar no carro, mas sempre conseguia fugir de algum jeito [...] (DANIELA, 18 anos).

O participante Evandro – 20 anos, sofreu abuso uma vez, mas chegou ao ato sexual, causando nele muita dor, nojo e raiva. No seguinte discurso feito pelo participante Evandro (20 anos), relata-se o ocorrido: [...] “Por causa da idade eu não sabia bem o que estava acontecendo ali, sabia que queria sair o mais rápido possível. Fui sodomizado, e isso doeu bastante, até por que eu mal tinha um terço da altura do meu agressor né”.

O ato de induzir, obrigar e violar uma criança que está caminhando em seu desenvolvimento, é algo revoltante e preocupante. Bee e Boyd (2011) falam sobre o que essa violação pode causar no desenvolvimento saudável de uma criança. Com consequências que podem ser traumáticas. Deste modo, Koenem e outros (2007) citado por Bee e Boyd (2011, p. 134) dizem que:

Algumas crianças são frequente ou gravemente abusadas desenvolvem transtorno de estresse pós-traumático (TEP). Esse transtorno envolve níveis extremos de ansiedade, memórias de flashback de episódios de abuso, pesadelos e outros distúrbios de sono. Para algumas, esses sintomas persistem até a fase adulta.

Uma criança em desenvolvimento precisa de recursos e possibilidades agregadoras e favoráveis a essa caminhada, quando uma violação é feita e não tratada da forma que deveria ser, como o abuso sexual, o transtorno citado acima pode vir à tona. O estresse adquirido, a violência causada possivelmente trará deficiências em um desenvolvimento saudável e com isso repercutindo na fase adulta.

O tema “Reações das vítimas” caracteriza as expressões ou comportamentos físicos e emocionais, que as vítimas manifestaram durante e após o abuso. Que são: sentir nojo e raiva, pedir pra parar, se assustar, não saber o que estava acontecendo e em outros casos tinham consciência do acontecido, levar na brincadeira para disfarçar, correr, tentar fugir, ficar estática.

São reações emergenciais e de defesa devido às atitudes de violação que sofreram diretamente pelos abusadores, as vítimas sabiam que algo errado tinha acontecido, mesmo pelo pouca idade que tinham. De acordo com os relatos dos participantes notou-se que eles foram abusados em uma época que não tinham malícia e

conhecimento do que era o abuso sexual, este assunto não era acessível a eles e as famílias também não tinham muita instrução.

Malta (2009) fala sobre essa questão, em outras palavras, pode-se dizer que antigamente o abuso sexual era um tabu. Malta (2009) ressalta a deficiência da tecnologia e informação em outrora, não se podiam comprovar o abuso, pois não se tinham provas pertinentes, atualmente a história tomou outro rumo, é possível se evitar o abuso antes mesmo dele ocorrer.

Atualmente, a mídia foca vários casos e informações sobre crimes deste tipo, assim, acentua-se a importância da informação não só para os adultos e, sim, para as crianças, como dito anteriormente, alguns tinham plena consciência e outros não, mas sabiam que o que tinha acontecido era errado, talvez se tivessem conhecimento sobre o assunto, que hoje em dia é exposto à população eles, os abusos cometidos as vítimas podiam ter sido evitado. Desta forma, resalto a essencial importância do olhar analítico e preocupado da família sobre as características que envolvem pessoas que podem oferecer perigo para suas crianças e para o desenvolvimento da criança.

Retornando as reações das vítimas, as reações produzidas pelo ser humano nesse contexto de abuso sexual, remetem a vítima a sentir-se oprimida, repudiada e principalmente com nojo. No entanto, quando este tipo de violência é cometida na infância as consequências sobre e essas reações são bem profundas e sofridas, ainda mais quando não contam para a família, tomando aquilo só para elas próprias, por vergonha ou medo (AZEVEDO; GUERRA, 1995).

Destaca-se que como dito acima uma das reações mais presentes nos abusados durante e após o abuso sexual é o nojo de si e do abusado, os dados resultantes das entrevistas constataram essa informação, todos os participantes relataram essa reação e sentimento. Desta maneira, apresenta-se uma fala da participante Daniela (18 anos) pela qual, expressa esse sentimento e reação: “Meu nojo era daquele de sentir o sangue deles ainda pulsando sobre a minha pele e querer arrancar isso” [...].

Correr, tentar fugir, ficar estática como dito anteriormente são reações de emergência em frente a uma situação de perigo, visto que, as reações depois do abuso podem ser bem piores se não trabalhadas na própria criança.

A temática “Consequências sociais e psíquicas” que remetem atitudes resultantes do abuso sexual, que indagam a vida social e o equilíbrio psicológico. Foram elas: mudança de comportamento, inquietação, vida social ruim, criança reclusa, timidez, medo de pessoas, chorar muito, não gostar de crianças e homens mais velhos, depressão, traumas, frieza para os outros, distúrbios de sono, auto-mutilação, mudança de aparência, dificuldade de relacionamentos. O dado não gostar de homens mais velhos apareceu na fala da maioria dos participantes, como mostramos seguintes exemplos:

Não gosto de homens mais velhos, sinto muito nojo assim. Quando eu vejo assim um casal com uma menina mais nova e o homem mais velho me dá muito nojo, tanto que eu só gosto de meninos mais novos que eu. A maioria dos meninos que eu fiquei foi com meninos mais novos (ANA, 25 anos).

“É porque eu tinha muito medo de homens mesmo, e até assim os meus namorados todos não eram assim mais novos do que eu, tinham minha idade” (BÁRBARA, 27 anos).

[...] “Não gosto de homens mais velhos talvez por o que aconteceu” (CÍNTIA, 21 anos).

Mediante a esses relatos, o nojo de homem mais velho, Jacob (2009) confirma esse dado, as vítimas passam a internalizar a imagem do abusador e levam isso para a vida adulta, rebatendo esta imagem até mesmo em outros homens.

Essa retratação do nojo de homem mais velho que está inserida nas consequências sociais e psíquicas, foi um dado destacado na maioria das entrevistas. Lima (2013) fala sobre a classificação das consequências do abuso sexual, que são: de curto prazo, que podem ser passageiras, depende de como as crianças os adultos trouxeram com eles a infância; e as de longo prazo, que podem piorar com o tempo podendo virar até patologias, que podem ter influências e estímulos do meio que vivem e da forma como são trabalhadas no sujeito em si, varia de pessoa pra pessoa. As de curto prazo referidas a essa temática, são relativas às “Comportamentais”, que se assemelham aos dados por: auto-flagelo que se relaciona com o dado de um dos participantes auto-mutilação, que é o ato de se ferir, causar dor em si mesmo, de se castigar fisicamente, uma atitude motivada pelo sentimento de culpa ou insatisfação. Referente a este dado, uma fala da participante Daniela (18 anos): [...] “Passei a me ferir tentando ficar limpa, esfregava a bucha até ficar vermelho, puxava tufo do meu cabelo quando lembrava aonde encostaram” [...].

Essa fala também é um que se refere às consequências emocionais de curto prazo, segundo Lima (2013), que é rejeição ao próprio corpo, sente-se sujo. Voltando aos “Comportamentais”, o dado: inquietação com hiperatividade. Condutas suicidas, que se confirma com o dado: depressão, como exemplo disso a fala da participante Daniela (18 anos): “Meu número de tentativas suicidas é incontável, só durante os meus doze eu devo ter tentando numa média de cinco a seis vezes por dia perdi as conta”.

Dentre as “consequências emocionais”, foram encontradas: medo de pessoas, mudança de aparência (baixa auto-estima), chorar muito, criança reclusa (isolamento), timidez, depressão, traumas. Exemplo disso na fala da participante Daniela (18 anos): [...] “Usava roupas compridas pra não sentir toques e muita maquiagem pra tentar mudar de identidade”.

As consequências “Físicas” como o distúrbio do sono (pesadelos e problemas com o sono). E as consequências “Sociais”, de curto prazo: retração social com os dados: vida social ruim, criança reclusa, não gostar de homens mais velhos; comportamentos antissociais com os dados não gostar de crianças, medo de pessoas, mudança de comportamento, frieza para os outros e déficit em habilidades sociais com o dado dificuldade de relacionamentos. Nos relatos dos participantes, é visto que o processo de socialização na maioria dos casos foi debilitado, pelo fato da violação dos seus corpos, da sua inocência, dos seus direitos, e entre outras características que foram transparecidas na vida social, no afastamento social, na retração social. A partir disso, cita-se uma fala de um dos participantes:

Minha vida social era bem ruizinha, eu era muito tímida, eu tinha muito vergonha, não sei se eu era tímida porque na escola eu ficava muito mais feliz do que em casa, lá eu esquecia o que acontecia em casa, pra me divertir um pouco, era o momento de paz que eu só tinha lá na escola (CÍNTIA, 21 anos).

Esse dado se relaciona também a questão dos “Indicadores comportamentais” que podem ser observados na escola, abordados por Azevedo e Guerra (1995), pelo qual, como relatado acima, Cíntia se sentia melhor na escola, lá era um lugar seguro para ela. Os indicadores comportamentais são as características que a vítima apresenta durante e após o abuso, no caso na infância. E um deles fala das observações dessas crianças na escola, o qual, nesse contexto elas podem expressar em suas atitudes o que não conseguem na fala. Embasa a atenção,

socialização, atitudes violentas, entre outros. Hoje em dia Cíntia se mostra mais sociável e evita ao máximo lembrar os abusos que sofreu pelo padrasto.

Desta forma, as consequências de longo prazo, de acordo com Lima (2013) que de acordo com os dados coletados nas entrevistas permanecem na vida dos sujeitos e cabem na temática proposta são as: “Físicas” pelo dado distúrbio de sono; “Comportamentais”: tentativa de suicídio com o dado auto-mutilação, transtorno de identidade com o dado mudança de aparência; “Emocionais”: depressão, ansiedade, baixa auto-estima, dificuldade para expressar sentimentos com o dado frieza para os outros e “Sociais”, problemas de relação interpessoal, isolamento que se sincronizam com os dados vida social ruim, criança reclusa, timidez, medo de pessoas, dificuldades de relacionamentos. Um exemplo de criança reclusa e problemas de relação interpessoal, mas que hoje em dia são questões amenizadas na vida do participante Evandro (20 anos):

Eu sempre fui uma criança meio reclusa, só tinha um amigo no primário. Era bem tímido, medroso e chorão, por isso as demais crianças meio que não gostavam de mim, mas até o final da quarta série isso mudou, e ainda hoje tenho amizade com algumas dessas pessoas. Mas mesmo assim continuei recluso e individualista. Durante a pré-adolescência eu fui me destacando entre os demais, e apesar de ainda ser tímido, ganhei simpatia das demais pessoas, até por que dentro do meu círculo eu era bem desinibido e engraçadinho... Bem, eu ainda não me considero adulto, mas, socialmente sou como tal, então eu vou tentar responder de acordo com a minha idade. Hoje eu ainda sou um pouco tímido e até inseguro nas minhas decisões, por mais que isso não transpareça. Tenho facilidade em lidar com as pessoas, e raramente tenho problemas de relacionamento, e quando os tenho são por conta da minha personalidade forte (Risos)”.

Nota-se que se é trabalhado essas questões na criança, elas podem não adquirir tantas consequências de longo prazo, como no caso acima, Evandro com o passar do tempo foi superando a sua falta de socialização, vergonha e medo.

O presente tema “Consequências afetivas” está relacionado às incidências presentes depois do abuso sexual, na área afetiva, como por exemplo, sentimentos de negação e repúdio. Jacob (2009) fala sobre a questão da afetividade que em suas consequências resultantes do abuso sexual, são muito profundas e produz sentimentos ruins, é algo único em cada sujeito, é uma violência que deixou marcas intensas e é vivenciado de maneiras diferentes por cada um, mexendo com os sentimentos mais delicados e com o equilíbrio psicológico que pode limitar o seu desenvolvimento saudável.

Lima (2012) fala sobre as consequências de curto e longo prazo, embasando as citadas acima de acordo com os relatos dos participantes, constatou-se que estão inseridas nas consequências de curto e longo prazo na categoria “emocionais”, pois as consequências citadas pelos participantes estão presentes no que Lima (2012) ressalta. Oliveira (2013) traz em seu artigo uma quantidade grande de consequências indicadas por vários autores, que embasam a área emocional, como: sentimentos de isolamento, falta de confiança no outro, conflitos interpessoais, fobias, ansiedade, depressão, sentimentos de culpa, sentimento de traição, problemas de relacionamento, entre outros, que se relacionam com os dados citados referidos as consequências afetivas na vida dos participantes, na fase adulta que são: não gostar que falem alto, demorar para beijar e transar, vergonha de homem, ódio, fobia ao contato humano, dificuldade de se envolver com pessoas, más lembranças, isolamento, sentimentalismo, dificuldade de demonstrar afeto, individualidade, desconfiança, sensação de dor, não gostar de contato físico, não gostar de meninos mais velhos, no caso do homem, gostar de mulheres mais velhas.

Jacob (2009) fala sobre essa dificuldade das mulheres de se envolver afetivamente com os homens, muitas delas trazem consigo vergonha, medo e ansiedade, falta de confiança. Tem vergonha ou até um bloqueio em expressar seus sentimentos, demonstram frieza, em alguns casos não são muito afetuosas com as pessoas. A exemplo disso cita-se algumas falas dos participantes:

[...] “Parece que eu sou abusada assim, entendeu, até o toque, eu não sou muito de abraçar e isso eu tenho tentado quebrar, tem uns três anos mais, até na questão do toque mesmo é meio difícil pra mim ainda” (ANA, 25 anos).

Então pra mim entrar em uma fase, assim pra mim conseguir o primeiro beijo e essas coisas assim, demorou bastante. Eu fui dar o primeiro beijo com dezesseis anos, porque antes eu morria de medo, eu tinha muita vergonha e muito medo de chegar perto de homens, então assim... Eu dei meu primeiro beijo com dezesseis anos, meu primeiro namorado foi com dezoito anos, perdi minha virgindade com dezoito anos, então assim foi tudo mais tarde um pouco (BÁRBARA, 27 anos).

“Só fui ter relação com dezoito anos, e o primeiro beijo com doze anos. [...] Mas me apego fácil as pessoas que me dão carinho e sou bem desconfiada” (CÍNTIA, 21 anos).

Não confio muito, sempre estou com um pé atrás e confesso que já terminei relacionamentos e amizades pelo simples medo de ser traída novamente, meu cunhado sabia do meu primeiro assédio e mesmo assim o fez, então isso sempre martela na cabeça. Meu atual namoro é o mais maravilhoso de todos porque agora estou superando melhor tudo isso, os outros eu não

conseguia me abrir, namorava sem me entregar por completo e me feria muito, preferindo muitas vezes não me relacionar (DANIELA, 18 anos).

[...] Eu não confio muito nas pessoas, e costumo ser frio na maior parte do tempo. Eu já tive uns namoricos, mas nada sério a ser considerado, acho que o mais longo durou uns dois meses. Eu por algum motivo, não me envolvi muito com essas garotas, exceto por uma, mas foi paixão de adolescente, fiquei bem triste, mas já passou. A propósito eu ainda sou meio brigado com a maioria dessas ex (EVANDRO, 20 anos).

Oliveira (2012) expõe as consequências afetivas ligadas aos relatos acima que são: sentimentos de traição falta de confiança no outro, dificuldade de se relacionar com o outro, sentimentos de isolamento, entre outros sentimentos ligados a relacionamentos afetivos.

E por fim, a sexta e última temática “Consequências na sexualidade” que relatam as características mais profundas resultantes do abuso sexual e levado para a fase adulta, que são: Nojo de homem, sentimento de perdedor, se sente um símbolo sexual, um objeto a ser usado por todos, tem dificuldade de manter o ato sexual, bloqueio, sexualidade prematura, distúrbio hormonal, vigor sexual, desconforto, atração por mulher (por parte das participantes do sexo feminino), não conseguir relaxar no ato sexual, vontade exacerbada de fazer sexo.

As consequências de curto prazo: “sexuais” que se associam as consequências na sexualidade, segundo os dados adquiridos na entrevistas, familiarizar-se com: sexualidade prematura - conhecimento sexual precoce e impróprio para a sua idade, atração por mulher (por parte das participantes do sexo feminino) - problemas de identidade sexual. São evidenciadas essas consequências nas seguintes relatos dos participantes:

Sexualidade prematura a fala de Evandro (20 anos): [...] “Acredito que por conta do ocorrido, minha sexualidade tenha sido “ativada” muito cedo, o que me fez buscar por meninas ainda na pré-adolescência”.

Atração por mulher:

Talvez assim de sentir um pouco de nojo de homem e sentir atração por mulher assim. Não que eu tenha ficado e nem nada. Já senti vontade de ficar com mulher, nessa questão de sentir nojo do homem, de tocar, da mulher já não (ANA, 25 anos).

Eu assim... Eu achava que eu ia virar lésbica, por causa desse medo que eu tinha de homem, então assim, quando eu, eu demorei assim pra me relacionar com os homens, eu achei assim que eu não ia conseguir, eu já tive algumas experiências às vezes de não me apaixonar pela mulher assim, mais de sentir uma certa atração, de achar ela bonita, até atração sexual assim (BÁRBARA, 27 anos).

E as que duraram mais tempo, chegando à fase adulta com mais exatidão, nas consequências de longo prazo segundo (Lima, 2012): Nojo de homem – fobia sexual tem dificuldade de manter o ato sexual, bloqueio, distúrbio hormonal, vigor sexual, desconforto, não conseguir relaxar no ato sexual, vontade exacerbada de fazer sexo - disfunções sexuais, falta de satisfação ou incapacidade para o orgasmo, alterações da motivação sexual, dificuldade de estabelecer relações sexuais. Azevedo e Guerra (2000) confirmam que há aspectos ligados ao medo e as dificuldades presentes nas relações sexuais. Desta forma, essas consequências são sinalizadas nos seguintes relatos dos participantes:

[...] Eu ainda tenho um pouquinho de receio ainda, não me aproximo muito das pessoas, eu não tenho muita ligação com as pessoas [...] na minha vida sexual acho que isso me afeta até hoje, porque toda vez que vou fazer sexo eu sinto muita dor. [...] quando eu ia fazer sexo eu era muito fria, eu não conseguia dar carinho, dar atenção, dar amor, eu ficava assim. Eu deixava ele fazer tudo e eu ficava só quieta na minha, aí acaba e não dava nenhum beijo, eu era muito fria. Hoje em dia com o meu marido, aí eu já consigo, eu já sou muito mais carinhosa do que eu era antes, eu totalmente assim... Assim eu sinto quando a gente começa eu não consigo relaxar, eu fico muito tensa, eu fico nervosa, eu fico com medo, aí depois no meio eu começo a relaxar, é sempre assim sempre, em todas as vezes. Eu fico muito ansiosa e isso atrapalha. [...]eu acho que tenho um pouquinho de vontade demais de fazer sexo, apesar desse bloqueio que eu tenho, eu sempre fui muito assim assanhada (BÁRBARA, 27 anos).

[...] E há momentos em que por mais que eu queira, o meu corpo faz um bloqueio e não consigo me soltar de jeito nenhum e esse ainda acontece comigo. Sinto-me uma perdedora e símbolo de abuso, um objeto a ser usado por todos. Sempre ficam as marcas, e de vez em quando abrem, fico depressiva, isolada, pensativa, choro muito. [...] minha vida sexual só pode vir realmente à tona depois de muita terapia e às vezes ainda tenho dificuldade em manter o ato, com pensamentos sobre as ocorrências do passado. [...] porque às vezes ficar com coisas tão negativas sobre os homens faz você recorrer a outros amores, mas não aconteceu comigo. Meu bloqueio é como algo involuntário, a sensação na mente é de ser jogada contra a parede sabe?! Ser intimidada, então meu coração acelera como se eu fosse correr dali, mas meus membros travam, na maioria dos casos, então no máximo consigo bater na pessoa é depois travar totalmente, respiração fica pesada e difícil, meus olhos se arregalam e não fica nada na minha cabeça esse é o mais comum dos meus bloqueios (DANIELA, 18 anos).

[...] É que eu tenho um distúrbio hormonal de testosterona, que me gerou pelos pubianos ainda aos sete anos. Acho que foi isso que despertou minha sexualidade tão cedo né?! De qualquer forma, isso não me afeta sexualmente hoje, além do fato de que eu tenho bastante vigor sexual. [...] na verdade acho que poderia fazer sexo todos os dias. Pra alguns isso é um exagero, mas pra mim é realidade. Eu meio que gosto muito de sexo oral tanto de fazer quanto de receber, mas isso não aconteceu no abuso (EVANDRO, 20 anos).

Os relatos demonstram bloqueios sexuais, sexualidade exacerbada, alterações na motivação sexual, falta de satisfação, incapacidade, entre outros. Mediante as

consequências recorrentes do abuso sexual sofrido na infância, nota-se que pelos relatos e a literatura, que a área sexual quando não trabalhada é sempre acometida de alguma forma, independente do abuso, algum dia vai aparecer na vida da vítima algum aspecto, atitude ou característica que os relembram da violação que sofreram. Por isso é de grande importância recorrer à ajuda médica e psicológica para essas questões, como também para as outras consequências aqui mostradas (sociais, psíquicas e afetivas).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi de identificar como e em que a violência sexual vivida na infância veio a influenciar a vida adulta. Buscou-se investigar quais tipos de abusos as vítimas foram submetidas e as reações mediante aos abusos sofridos na infância das mesmas e a apuração das consequências resultantes do abuso, na vida social, afetiva e sexual, na fase adulta. A partir disso, foram selecionados cinco participantes, quatro mulheres e um homem que sofreram algum tipo de abuso sexual na infância e com isso foram averiguados os tipos de abuso: sem contato físico, com contato físico e com violência. Associam-se a falas eróticas, exibicionismo (órgãos genitais), beijos, ato sexual consumado vaginal e anal, força física, tapas, socos e ameaças.

Para melhor compreensão do estudo em questão, os resultados adquiridos das entrevistas passaram por uma categorização e assim, os participantes também ganharam nomes fictícios para preservar a identidade de cada um e o respeito à ética profissional e o sigilo. De acordo com essa categorização da amostra, foram separados seis temas nomeados por: abusadores, tipos de abuso, reações da vítima, consequências sociais e psíquicas, consequências afetivas e consequências na sexualidade. Com efeito, antes de concluir o resultado da pesquisa e os seus desfechos, cabe falar de forma resumida de cada participante da pesquisa, o que, de certa forma foi identificado em cada um, nas suas reações e expressões vivenciadas no abuso sexual que sofreram na infância:

Ana, a primeira entrevistada é uma mulher de vinte e cinco anos, solteira, estudante de Psicologia, residente da Serra. Ana é uma mulher alegre e muito simpática, de todos os participantes o abuso que ela sofreu foi o menos violento e violador, mas da mesma forma Ana percebeu que as consequências são as praticamente as mesmas que vividas em outros abusos sexuais mais negligentes. Verificou-se que de todas as consequências, as que mais pesam na vida de Ana são as afetivas e as sexuais, a participante tem muita dificuldade nesses contextos, ainda mais quando se fala sobre o ato sexual, Ana sempre pensa que está sendo abusada e violada de alguma maneira, não é muito de abraçar e demonstrar afetividade.

A segunda participante é Bárbara é uma mulher de vinte e sete anos, casada, tem um filho pequeno, trabalha em uma empresa de Recursos Humanos e mora em Vila

Velha. Bárbara é uma pessoa meio retraída, mais de certa forma sabe se comunicar bem. O abuso sexual sofrido por Bárbara foi administrado pelo seu tio, mas foram falas eróticas, quase o toque na parte genital do mesmo, ameaças, com isso, mediante a situação Bárbara se assustou e teve a reação de correr para o banheiro e tomar banho e se esfregar, sentia-se suja, ressalta-se que essa reação é bem frequente no que tange os aspectos do abuso sexual. Em certos casos crianças sentem-se culpadas, com nojo de si e do abusado e sujas pela questão de violação de sua inocência. Bárbara possui mais dificuldades em todas as áreas (social, afetiva, sexual), mas hoje em dia supera mais as consequências acometidas pelo abuso que sofreu. As questões que envolvem essas temáticas, é que Bárbara já foi muito fria, anti-social e não consegue relaxar durante a relação sexual, com isso sente dor e desconforto. A terceira entrevistada foi Cíntia uma mulher de vinte e um anos, desempregada, não possui o ensino médio completo e mora em Vila Velha. A entrevista com Cíntia teve um complicador, pois as questões que tangem os abusos sexuais que a participante sofreu pelo padrasto, não foram ditas, Cíntia tinha vergonha e pavor de dizer, o que ajudou foi ela dizer que foram preliminares pesadas, logo se entende o que aconteceu com ela, explanando-se que poderia ter chegado ao ato sexual, se ela não tentasse fugir ou se defender. O que chamou atenção na entrevista de Cíntia foi o momento que ela disse que já denunciou o padrasto para a própria mãe e mesmo assim a mãe não acreditou na filha e os abusos só cessaram depois de um tempo quando a mãe se separou do abusador. Atualmente, esse dado é confirmado por muitas vítimas e pela mídia, durante o texto que compõe este estudo foi ressaltado a importância da informação, do olhar dos pais para os filhos, para as crianças em sua volta, para as características presentes neles em casa, na escola e em outros âmbitos. Que de acordo com os autores Azevedo e Guerra (1995) deram o nome de indicadores comportamentais para tais características e comportamentos. A quarta participante foi a Daniela, uma mulher com dezoito anos, estudante e trabalha em uma empresa, namora e mora em Vila Velha. Daniela foi a mais nova participante, só que a mais sofrida e com inúmeros abusos sofridos em sua infância. Daniela passou o mesmo que Cíntia ao denunciar os abusadores, que no caso foram: o primo, o cunhado e os meninos da escola. Mas sua família não lhe deu credibilidade, ameaçaram-na internar e até processá-la por tais relatos. Daniela precisou de terapia, apoio de amigos e do namorado para tentar superar as questões que apareciam depois dos abusos. Certamente, o caso de

Daniela foi o que mais chamou atenção, pois ela sofreu praticamente todos os tipos de abuso sexual, consumando o ato sexual. As consequências vividas por Daniela hoje em dia, remetem todas as áreas da sua vida (social, afetiva e sexual). Daniela ressaltou que é uma pessoa reclusa, que não confia em ninguém, já teve e ainda tem depressão, já tentou suicídio, é emotiva demais, muito desconfiada, tem problemas de auto-estima, tem disfunções sexuais, já foi agressiva durante o ato sexual, tem bloqueios (sensações e sentimentos ruins, lembranças ruins), entre outros. O último participante deste estudo é o Evandro, um homem de vinte anos, estudante, solteiro, mora na Serra. Evandro mostrou-se ser um cara introvertido, muito inteligente e culto, fala bem e mesmo sendo o único homem da pesquisa, não teve vergonha e limitações para contar sua história. Evandro foi abusado pelo vizinho e chegou ao ato sexual, foi sodomizado, explicando essa palavra, foi acometido ao sexo anal. Mais de tudo o que chamou mais atenção e é de extrema importância, que Evandro relatou que foi um perpetrador, em melhores palavras, ele foi abusado sexualmente e abusou de outras crianças também. Os autores Milne (2001), Furniss (1993) e Loeb et al. (2002) citado por Jacob (2009) chamam esse ato de repercussão do abuso sexual de síndrome do vampiro. Destaca-se que nem todos os abusados se tornam perpetradores, é uma minoria, mas não se tira a importância de acabar com essa cadeia.

Conclui-se que o objetivo da pesquisa foi contemplado, os resultados adquiridos pelas entrevistas dos participantes e a literatura, embasaram o objetivo geral e os objetivos específicos do presente estudo. Entendeu-se que há consequências na área afetiva, social e sexual dos que foram abusados na infância, uns demonstram mais indícios que outros. Cada sujeito possui um devido equilíbrio psicológico que se relaciona com as vivenciais, absorções, interiorizações, superações das violações que sofreram na infância diferente de outros, na sua individualidade transmitida em sua subjetividade.

Entendeu-se que não há diferença de sexo para as consequências deste tipo de violência, podem ter características e comportamentos iguais ou parecidos. Durante o texto ressaltou-se a importância da psicoterapia, que é uma das formas de tratamento para as vítimas de abuso sexual. Três dos cinco participantes buscaram ajuda psicológica e relataram um pouco de dificuldade durante o andamento da terapia. Desta forma, de acordo com vários autores percebe-se que a empatia, a

relação do terapeuta com o cliente é muito importante nesse âmbito, que o consultório tem que ser lugar acolhedor, tranquilo; averiguou-se que falar sobre um abuso sexual invoca os sentimentos mais profundos do paciente, é essencial que o terapeuta passe confiança e credibilidade para aquele paciente, ainda mais quando o mesmo não teve apoio da família nessas questões e o principal ser sensível ao próximo. As marcas deixadas de um abuso sexual na infância se não trabalhadas, podem ser levadas para o resto da vida. Os participantes ressaltaram que o atendimento psicológico não foi tão satisfatório às vezes por eles não transpassarem seu sofrimento, mas que de certa forma desabafar com o terapeuta e saber que alguém se importa com o problema desses participantes era uma forma de apoio, além da ajuda para suas questões mais íntimas resultantes do abuso sexual.

A psicologia social vem com o olhar qualitativo sobre essa violação, esse tipo de violência. Os aspectos que embasam o abuso sexual e suas consequências, mexem com as habilidades sociais do sujeito, seu olhar sobre o mundo e as pessoas, muitas vezes o abusado não se reconhece mais como sujeito, é importante resgatar a auto-estima, auto-confiança, a identidade do sujeito. O social faz toda diferença, as influências sociais que cercam as pessoas se relacionam com o modo que elas se comportam e criam novas experiências.

A informação aos pais e as crianças sobre o abuso sexual é essencial para a disseminação do conhecimento, a conscientização, segurança para as crianças e adolescentes e promover a resiliência.

## REFERÊNCIAS

- AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. **Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual.** *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 559-578, 1998.
- ARAUJO, M. F. Violência e Abuso Sexual na Família. **Psicologia em Estudo.** Maringá, v. 7, n. 2, p. 3-11, 2002.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006. 196 p.
- ARONSON, E.; WILSON, T. D.; AKERT, R. M. **Psicologia social.** 3 ed. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 2011. 453 p.
- AVELLAR, L. Z. **Jogando na análise de crianças:** intervir e interpretar na abordagem Winicottiana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- AZEVEDO, M. A. Consequências psicológicas da vitimização de crianças e adolescentes. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. (orgs.). **Crianças Vitimizadas:** a síndrome do pequeno poder - Violência física e sexual contra crianças e adolescentes. 2ª ed. São Paulo: Iglu, 2000. p. 143-179.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Violência doméstica na Infância e na Adolescência.** São Paulo: Robe, 1995. 126 p.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A.; VAICIUNAS, N. Abuso Físico e Incesto: Incesto ordinário: A vitimização Sexual domestica da mulher-criança e suas consequências psicológicas. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. (orgs). **Infância e violência doméstica:** Fronteiras do conhecimento. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 195-209.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** LISBOA: Edições 70, 2011. 279 p.
- BEE, H.; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento.** 12 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2011. 567 p.
- BICUDO, H. P. **Violência:** O Brasil cruel e sem maquiagem. 3ª. São Paulo: Moderna, 1994. 120 p.
- BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia, confrontos e avanços.** São Paulo: Cortez, 2000.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias:** uma introdução ao estudo de psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2002. 368 p.
- BRASIL. **LEI Nº 5.766, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1971.** Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Pesquisa em Psicologia com seres humanos: Resolução CFP nº 016/2000 - 20 de dezembro de 2000. Disponível em: <<http://www.bioetica.ufrgs.br/res16cfp.htm>>. Acessado em: 14 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm)>. Acessado em: 15 de out. 2015.

\_\_\_\_\_. **DECRETO-LEI 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940.** Código Penal. Diário oficial da união, 13 de dez. de 1940.

CECCONELLO, A. M.; ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 8, nº esp., p. 45-54, 2003.

FORGHIERI, Y. C. **Aconselhamento terapêutico:** origens, fundamentos e prática. São Paulo: Thomson Learning, 2007. 150 p.

FORWARD, S.; BUCK, C. **A traição da inocência:** o incesto e sua devastação. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2009. 200 p.

GOLDEMBERG, M. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

HABIGZANG, L. F.; RAMOS, M. S.; KOLLER, S. H. **A revelação de abuso sexual:** as medidas adotadas pela rede de apoio. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2011, vol.27, n.4, pp. 467-473.

HEYWOOD, C. **Uma História da Infância:** da Idade Média à época contemporânea no Ocidente / C. Heywood; trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOFFMAN, M. L. Moral, internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. **Developmental Psychology**, nº 11. p. 228-239. 1975.

JACOB, P. **A Ferida Invisível:** Um Estudo Sobre o Abuso Sexual e suas Consequências nos Relacionamentos Amorosos. Programa de Especialização em Terapia de Família e Casal - CEFI - Centro de Estudos da Família e do Indivíduo, Cuiabá, 2009. 23 p.

JACQUES, M. G. C. Identidade. In: STREY, Marlene Neves. **Psicologia social contemporânea:** Livro-texto. 13ªed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 158-166.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. **Compendio de psiquiatria.** 2 ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1990.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social.** 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. 87 p.

LANE, S. T. M.; CODO, W. (orgs.). O processo grupal. In: \_\_\_\_\_. **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 78-98.

LIMA, I. V. B. **Consequências Psicológicas do Abuso Sexual na Infância e Adolescência: Uma Ferida Invisível**. Psicologia, AJES- Faculdades do Vale do Juruena, 2012. Disponível em: <<http://www.site.ajes.edu.br/congre/arquivos/20150928161430.pdf>>. Acessado em: 15 jul. 2015.

LIPPI, J. R. S. **ABUSO E NEGLIGÊNCIA NA INFÂNCIA: prevenção e direitos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Científica Nacional, 1990. 219 p.

LOURO, G. L. (organizadora). PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE. In: \_\_\_\_\_. **O CORPO EDUCADO**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 8-33.

MALTA, M. **ABUSO SEXUAL INFANTO – JUVENIL: CPI CONTRA A PEDOFILIA**. Algumas informações para os Pais ou Responsáveis. Brasília, Senado Federal, 2009.

MATIAS, D. P. **Abuso sexual e sociometria: um estudo dos vínculos afetivos em famílias incestuosas**. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 11, n. 2, p. 295-304, Aug. 2006.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEDEIROS, A. P. **O abuso sexual infantil e a comunicação terapêutica: um estudo de caso**. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, jul. 2013.

MELLO, Leonardo Cavalcante de Araújo; DUTRA, Elza. Abuso sexual contra crianças: em busca de uma compreensão centrada na pessoa. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 14, n. 1, jun. 2008.

OLIVEIRA, K. **ABUSO SEXUAL INFANTIL E AS CONSEQUÊNCIAS NA VIDA ADULTA DA MULHER**. UNIP – Universidade Paulista. São Paulo: 2013. 35f.

PORTAL BRASIL. **Abuso sexual é o 2º tipo de violência mais comum contra crianças, mostra pesquisa**. 2012. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2012/05/abuso-sexual-e-o-segundo-maior-tipo-de-violencia-contra-criancas-mostra-pesquisa>>. Acessado em: 13 mar. 2015.

PORTAL ORGANIZAÇÕES RÔMULO MAIORANA. **Detentos elaboram as próprias regras: Tipos de crimes ditam as leis para quem vive atrás das grades**. 2012. Disponível em: <<http://www.orm.com.br/amazoniajornal/interna/default.asp?modulo=831&codigo=606149>>. Acessado em: 07 abr. 2015.

REZENDE, S. J. As cicatrizes: Impactos na vida adulta do abuso sexual infantil. **Rev. Unievangélica**, Goiânia, n. 2, p. 87-100, 2013.

SILVA, N. Subjetividade. In: STREY, M. N. **Psicologia Social Contemporânea: Livro-texto**. 7 ed. PETROPOLIS: Vozes, 2002. p. 167-195.

STREY, M. N. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Psicologia social contemporânea: Livro-texto.** 7 ed. PETROPOLIS: Vozes, 2002. p. 13-16.

TELLES, T. C. B.; BORIS, G. D. J. B.; MOREIRA, V. O conceito de tendência atualizante na prática clínica contemporânea de psicoterapeutas humanistas. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 20, n. 1, jun. 2014 .

WATSON, K. **Substitute care providers:** Helping abused and neglected children. Washington, DC: National Center on Child Abuse and Neglected. 1994.

## APENDICÊ A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Você lembra de tudo o que aconteceu? Quando e como foram os abusos sexuais que sofreu?
- 2) Qual foi sua reação mediante ao abusador e a situação que passou com ele? Você entendia o que estava acontecendo?
- 3) Você sofreu ameaças ou além do abuso sexual, foi agredida fisicamente? Quando e como foi o término do abuso?
- 4) Sua família em algum momento desconfiou do que aconteceu ou estava acontecendo, se sim, como foi? Você chegou a denunciar o abusador, como foi?
- 5) Como era sua vida social, sua relação com outras crianças e como é hoje na fase adulta?
- 6) Hoje em dia como você se vê? Você acha que ficaram marcas deste abuso na sua vida? Quais? E na sua sexualidade? Quais?
- 7) Como é sua relação com outras pessoas na área afetiva e pessoal? Já namorou? Como foi o relacionamento em sua percepção?
- 8) Já passou por alguma situação que lembrou do abuso e foi traumática pra você? Como foi?
- 9) Como é a sua sexualidade? Acha que o abuso trouxe algum bloqueio ou sexualidade exacerbada para você?

## **APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**TÍTULO DA PESQUISA:** As Consequências do Abuso Sexual Cometido na Infância na Fase Adulta.

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** Luana Fonseca Monteiro.

**JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA:** Esta pesquisa visa discorrer sobre o abuso sexual cometido na infância e suas consequências na vida adulta do sujeito, na fase afetiva, com ênfase no estudo de caso, relacionando-se com a abordagem humanista. Esta pesquisa tem por finalidade levantar informações sobre o abuso sexual infantil junto à literatura especializada; Confrontar tais informações com o estudo de caso; Identificar consequências na vida do adulto que foi vítima em sua infância de tal abuso, no campo sexual, conjugal, e tendências à depressão ou traumas psicológicos. A partir desses objetivos, serão feitas entrevistas face a face com três participantes, do sexo feminino, maiores de idade.

### **DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA:**

Considerando a natureza da pesquisa e o método aplicado, prevê-se que a pesquisa não promoverá riscos e desconfortos. Caso isso aconteça, é previsto o suporte necessário ao participante.

**BENEFÍCIOS DA PESQUISA:** Os benefícios da pesquisa são de fins acadêmicos e Científicos. Temos a intenção de, ao fim da realização da pesquisa, averiguar quais as consequências que mais afligem as vítimas de abuso sexual na infância e com isso buscar formas de tratamento para essas vítimas.

**FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA:** Quando necessário, o voluntário receberá toda a assistência médica e/ou social aos agravos decorrentes das atividades da pesquisa.

Basta procurar o pesquisador: Luana Fonseca Monteiro pelo telefone: (27) 3331-8500 e no endereço: Av. Vitória, 950, Forte São João, Vitória-ES. CEP 29017-950, Orientada pela Professora e Psicóloga Ms. Thaís Caus Wanderley.

**ESCLARECIMENTOS E DIREITOS:** Em qualquer momento, o voluntário poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar

sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo do atendimento usual fornecido pelos pesquisadores.

**CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS:** As identidades dos voluntários serão mantidas em total sigilo por tempo indeterminado, tanto pelo executor, como pela instituição onde será realizado e pelo patrocinador. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e alocados em tabelas, figuras ou gráficos e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o repasse dos conhecimentos para a sociedade e para autoridades normativas em saúde nacionais ou internacionais, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional.

### **CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador da Carteira de identidade nº \_\_\_\_\_ expedida pelo  
Órgão \_\_\_\_\_, por me considerar devidamente informado (a) e esclarecido  
(a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvido, livremente  
expresso meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa. Fui  
informado que meu número de registro na pesquisa é \_\_\_\_\_ e  
recebi cópia desse documento por mim assinado. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Assinatura do Participante Voluntário      Data      Impressão  
Dactiloscópica. (p/ analfabeto) \_\_\_\_\_

Assinatura do Responsável pelo Estudo

Data